

Uma análise funcionalista da indeterminação do sujeito
no Português Popular falado em São Paulo
*A functional analysis of indeterminate Subject in Popular
Portuguese spoken in São Paulo*

Deize Crespim Pereira
Universidade de São Paulo, Brasil
deize.pereira@usp.br

Resumo: Utilizando os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional, este trabalho apresenta uma análise quantitativa das formas pronominais e verbais usadas para expressar a indeterminação do sujeito no Português Popular de São Paulo. O corpus se constitui de 23 inquéritos que fazem parte do Projeto Português Popular em São Paulo. Este registra a fala de informantes adultos, analfabetos ou de baixa escolaridade, migrantes e paulistanos, que residem em favelas da capital paulista. A análise demonstra que: (i) há várias formas que expressam indeterminação do sujeito no Português Popular; (ii) considerando que a indeterminação é uma questão de grau, há formas mais indeterminadas do que outras que vêm acompanhadas de pistas referenciais no texto ou contexto; (iii) tais formas podem exercer diferentes funções conforme o contexto; (iv) podem abranger desde uma única pessoa até as três pessoas gramaticais, nos casos em que atingem um alto grau de generalização.

Palavras-chave: Indeterminação do sujeito; Português Popular; Linguística Funcional.

Abstract: Using the theoretical and methodological tools of Functional Linguistics, this paper presents a quantitative analysis of pronominal and verbal forms expressing subject indeterminacy in Popular Portuguese spoken in São Paulo. Data consist of 23 interviews which are part of the Popular Portuguese Project

in São Paulo. This data correspond to recordings of speeches of adults illiterate or that have only few years of schooling, immigrants as well as people who were born in São Paulo, who live in slams located in the capital. The analysis demonstrates that (i) there are many forms that express subject indeterminacy in Popular Portuguese; (ii) considering that indeterminacy is a matter of degree, there are forms that are more indeterminate than others which are accompanied by referential clues in text or context; (iii) these forms can have different functions according to the context in which they appear; (iv) they can refer from one to three grammatical persons when they reach a high degree of generalization.

Keywords: subject indeterminacy, popular portuguese, functional linguistics.

INTRODUÇÃO O presente trabalho tem por objetivo uma análise quantitativa e funcionalista (Dik, 1989, 1997; Halliday, 1994) das formas de indeterminação do sujeito no Português Popular falado na cidade de São Paulo. O corpus se constitui de 23 inquéritos que integram o Projeto *Português Popular em São Paulo*, coordenado pela Profa. Dra. Angela C. S. Rodrigues (USP). Tais inquéritos registram a fala de informantes adultos, de ambos os sexos, analfabetos ou de baixa escolaridade, paulistanos e também migrantes de vários estados brasileiros, que residem em favelas da cidade de São Paulo.

Utilizando os pressupostos teóricos da Linguística Funcional, descrevemos as estratégias efetivamente utilizadas pelos falantes para indeterminar o sujeito, e procuramos estabelecer uma relação entre forma e função, ou forma e sentido. A começar por uma descrição minuciosa das formas de indeterminação constatadas no Português Popular, analisamos: os graus de indeterminação, as funções destas formas e a abrangência de pessoa – os quais podem ser vistos como fatores linguísticos que condicionam o uso de determinadas formas.¹

Partimos do pressuposto de que a escolha da forma com que se faz referência indeterminada tem relação com escolhas pragmáticas que

¹Com relação à metodologia empregada, cabe observar que se trata de um estudo quantitativo que utiliza o programa estatístico Goldvarb, mas que trabalha apenas com frequências, pois, dada a grande variedade de formas de indeterminação encontradas (i.e. variantes), não é possível gerar pesos relativos. O programa computacional Goldvarb só é capaz de gerar pesos relativos dos fatores quando as variantes são em número de duas.

dependem do fluxo de informação no discurso e dos sentidos particulares que o falante quer comunicar ao ouvinte.

A indeterminação do sujeito tem relação com referenciação, definitude, identificabilidade do referente, entre outras questões. Por este motivo, iniciamos o presente trabalho com uma reflexão sobre estas noções (seção 1), que serviu de base para a análise subsequente. Em seguida, enumeramos os recursos de indeterminação do sujeito já atestados no Português Brasileiro (seção 2), para então prosseguirmos para os critérios de seleção de dados do presente estudo (seção 3) e a análise das formas de indeterminação encontradas no Português Popular falado em São Paulo (seção 4).

1 REFERENCIAÇÃO E DEFINITUDE

Dik (1989:111) vê a *referenciação* como uma ação pragmática e cooperativa do falante, que consiste em apontar uma entidade sobre a qual algo pode ser predicado: o falante se refere a uma entidade por meio de um termo. O termo é, portanto, uma expressão usada para referir a entidades, sejam elas de um mundo real ou imaginário. Há os referentes potenciais de um termo e os referentes objetivos de um termo num uso particular.

Uma vez que é o falante que faz a referência – não são as expressões que se referem, mas sim os falantes por meio das expressões linguísticas (Lyons, 1987) –, é lógico pensar na referenciação como uma ação pragmática. Como Neves (2007) aponta, há que se considerar o propósito referencial dos falantes:

“No processo da língua em uso, os participantes de um discurso negociam o universo de discurso de que falam, e, dentro dele, num determinado momento, escolhem referir-se a algum (alguns) indivíduo(s) **cuja identidade estabelecem – ou não – segundo queiram – ou não – garantir sua existência nesse universo**. Isso significa que referenciação envolve interação, e, conseqüentemente, intenção.”

“A captação da referência envolve o universo discursivo, nascido de uma negociação entre os interlocutores para estabelecimento das entidades que nele devem existir, e um componente importante desse processo é a intenção que o falante tem de referir-se a algum indivíduo” (Neves, 2007:75, 80) (grifos nossos).

Neves reforça e idéia de que a referenciação se cria no próprio discurso e é feita em relação a indivíduos que fazem parte do mundo construído no discurso, não importando a existência ou não desses indivíduos no mundo real: “A construção desse mundo tem ponto de partida nos propósitos do falante

que constrói seus enunciados conferindo relevância aos argumentos segundo o que seja conveniente a esses propósitos” (Neves, 2007:80).

Citando Kleiber (1994 apud Neves, 2007:77), a autora destaca, ainda, que a tendência atual dos estudos sobre os processos de interpretação referencial é cada vez mais adotar uma perspectiva pragmática, mostrando que “os referentes são recuperados mais por cálculos inferenciais – entrando em jogo o contexto da enunciação e o conhecimento compartilhado – do que por regras fixas ou convencionais ligadas às expressões que quase mecanicamente liberariam esses referentes”.

Partindo do pressuposto de que entidades são constructos mentais (entidades não são coisas da realidade, mas coisas da mente, isto é, representações mentais que podem ou não corresponder a coisas da realidade), Dik (1989, 1997) estabelece que há duas formas de referir:

1) *Construir um referente*: o falante utiliza um termo para que o ouvinte *construa* uma entidade referencial para este termo e assim introduz a entidade no modelo mental do ouvinte;

2) *Identificar um referente*: o falante usa um termo para que o ouvinte *identifique* ou recupere uma entidade referencial, que já foi estabelecida em seu modelo mental e já está disponível para ele.

O referente em questão pode estar disponível para o ouvinte por meio de:

(i) sua informação pragmática geral de longa duração; ex.: I was great impressed by **the Empire State Building**.

(ii) a informação pragmática contextual (derivada da comunicação), nos casos em que a entidade já foi introduzida no discurso precedente; ex.: Yesterday I met *an old friend of mine*. **He** did not even recognize me!

(iii) a informação pragmática situacional, isto é, perceptualmente disponível na situação de comunicação; ex.: Do you see **the man with the yellow sweater**?

(iv) a inferência da identidade do referente a partir de uma combinação das informações descritas em (i-iii); ex.: I wanted to open the door, but I could not find **the key** (Dik, 1989:115, 140).

Dik (1989) estabelece uma relação entre definido/indefinido e os dois tipos de referência propostos. Segundo o autor, termos indefinidos são tipicamente usados para *construir* um referente, ao passo que termos definidos são geralmente utilizados para *identificar* um referente.

Além do traço semântico definitude (*definido* x *indefinido*), outra oposição analisada é *específico* x *genérico*. Segundo Dik (1989: 143), um termo é específico quando se tem em mente um referente particular dentre o conjunto

designado pelo termo. Um termo é genérico quando o referente pode ser interpretado arbitrariamente como qualquer um dentre aqueles designados pelo termo. Para Dik (1997), a referência de um termo não-anafórico (i.e. que não tem antecedente no discurso ao qual possa ligar-se) e genérico deve ser interpretada do seguinte modo: “como referente deste termo escolha qualquer entidade que satisfaça as restrições de seleção impostas para esta posição argumental” (Dik, 1997:150, tradução nossa).

Analisando a variação entre o uso de artigos definidos e indefinidos no inglês, Du Bois (1980) observa que há muita confusão em torno do termo definitude na literatura linguística. Autores diversos relacionaram a definitude à unicidade, à especificidade do referente, e até mesmo à informação dada.

Em seu estudo, Du Bois (1980) mostra que a escolha entre formas definidas e indefinidas é governada por traços semânticos e pragmáticos: *referencial x não-referencial, identificável x não-identificável, genérico x específico*.

Um sintagma nominal (SN) é *referencial* quando usado para falar de um objeto enquanto objeto, com identidade contínua através do tempo. No exemplo citado: (v) “**He** looks like a Chicano-American” (Du Bois, 1980:209), o pronome “He” é referencial, mas não a expressão “chicano-american”, a qual é usada com função predicativa – não há nenhuma intenção por parte do falante de referir a um americano-mexicano, nem mesmo a um não-específico.

A escolha entre os traços *identificável x não-identificável* é voltada para o ouvinte: o falante utiliza uma forma indefinida se acha que o ouvinte não vai identificar o referente que ele tem em mente, e usa uma forma definida se esta identificação é esperada. Identificável implica que o ouvinte pode estabelecer uma relação entre o SN e o conceito a que se refere. O autor nota que não há uma relação biunívoca entre estes traços e determinadas classes de palavras. Assim, pronomes em princípio definidos, como aqueles que se referem aos participantes do discurso, podem ser usados com valor indefinido (não-identificável); e até mesmo um nome próprio pode ser marcado como não-identificável para o ouvinte, como no exemplo: (vi) “**A Mr. Palermo** (...) came by” (Du Bois, 1980:218). Note-se que, ainda que este referente seja conhecido para o falante, não necessariamente o é para o ouvinte.

Mesmo nas instâncias em que a identidade do referente é conhecida tanto pelo falante como pelo ouvinte, aquele não necessariamente optará por uma forma definida; exemplo: (vii) “I made squid with **someone**’s help once” (Du Bois, 1980:219). Neste caso, a pessoa que ajudou o falante era conhecida pelo ouvinte; então ela poderia ser nomeada, mas uma vez que a importância da discussão residia na capacidade ou não do falante de preparar um prato de lula, este não considerou relevante nomear seu ajudante, optando pelo pronome indefinido “alguém” (someone). Em outros casos, o falante pode optar pela

forma indefinida porque mesmo ele não é capaz de identificar precisamente o seu referente; ex.: (viii) “**Someone** came along” (Du Bois, 1980:228).

A escolha da forma também é governada por outros fatores de ordem funcional e pragmática: a “máxima da relevância” (não se dá mais informação do que as pessoas querem saber) e o “princípio da curiosidade”: uma referência é identificável se identifica suficientemente um objeto de modo a satisfazer a curiosidade do ouvinte (Du Bois, 1980:233). Em geral, a curiosidade sobre referentes [+humanos] leva a uma expectativa de que tais referentes sejam plenamente identificados, mas na conversação diária a identificação parcial é muito comum. Assim, se o falante considera que a identidade exata de um referente não é saliente do ponto de vista informacional, ele pode optar por uma expressão indefinida que identifica este referente parcialmente como, por exemplo, [+humano], Agente, etc., sem mencionar a identidade precisa do indivíduo.

Para Du Bois, portanto, o falante tem pleno controle facultativo da definitude, conforme seus propósitos comunicativos. Mesmo nas instâncias em que uma identificação plena é possível, através do uso de um nome próprio, por exemplo, o falante é livre para escolher um SN que não identifique o referente para o ouvinte. As formas não-identificáveis também são referenciais, mas a referência é feita de forma imprecisa, indefinida.

Enquanto a escolha entre *identificável* x *não-identificável* é voltada para o ouvinte, a distinção *específico* x *genérico* se dá no âmbito do estado de mente do falante. A referência é *específica* quando o falante tem um objeto específico em mente, e *não-específica* ou *genérica* quando o falante não tem um objeto particular em mente. No exemplo: (ix) “**A kid** comes by on **a bicycle**” (Du Bois, 1980:218), tanto “uma criança” quanto “uma bicicleta”, ainda que estejam acompanhados de artigo indefinido, são referências específicas, mesmo que o ouvinte não possa identificar o referente particular. Em (x) “**The author** [of the book] is unknown” (Du Bois, 1980:256), embora o referente seja não-identificável, ele tem uma referência específica. Mais uma vez, reforça-se a idéia de que não há relação biunívoca entre forma e sentido: artigos indefinidos, por exemplo, podem ter valor específico ou não-específico, a depender do contexto em que são usados. Assim em (xi) “Everytime I saw him He was wearing **a hat**” (Du Bois, 1980:224), a expressão formalmente indefinida “um chapéu” comporta uma leitura de referência específica: toda vez que eu o via ele estava usando sempre o mesmo chapéu.

Alguns autores entendem “*referencial*” como *específico*. Para Castilho, “um sujeito /referencial/ é aquele que destaca determinado referente dentre o conjunto dos referentes possíveis que compartilham as propriedades indicadas pelo SN sujeito” (Castilho, 2010:297). Neves (2007:79) cita dois exemplos:

(xii) “Se você vir **o cara** com o sapato dessa cor, saia correndo”; (xiii) “Se você vir **um cara** com o sapato dessa cor, saia correndo”. No primeiro exemplo, o SN “o cara” é referencial (i.e. específico); já o segundo exemplo pode ter uma leitura referencial (“tenho um homem em mente, e se você o vir com o sapato dessa cor, saia correndo”) ou não-referencial (“não tenho nenhum homem particular em mente, e se você vir um homem com o sapato dessa cor, saia correndo”).

Uma expressão genérica seria não-referencial por não se referir a uma entidade particular, mas a todos os membros de uma classe (Neves, 2007). No uso genérico, nem o falante nem o ouvinte têm em mente um indivíduo particular. A autora nota, entretanto, que “em função de sujeito, as expressões genéricas possuem propriedades referenciais, pois embora não se referiram a indivíduos de um tipo, referem-se ao próprio tipo” (Neves, 2007:128).

Para Du Bois (1980), o contraste entre identificável x não-identificável não se aplica a menções genéricas ou não-específicas, apenas a referentes específicos. Isto porque, de acordo com ele, uma referência genérica faz com que o interlocutor acesse em sua mente um conceito que é representativo da classe como um todo. Qualquer menção genérica no discurso *será identificada* com este conceito. O autor dá a entender, portanto, que uma referência genérica é sempre identificável. Na presente pesquisa não adotamos esta posição, pois, em nossa análise, instâncias de sujeito de referência genérica também são consideradas ocorrências de sujeito indeterminado ou não-identificável, uma vez que nestes casos o sujeito tem uma referência imprecisa.

Segundo Du Bois (1980), também as noções de endofórico x exofórico não se aplicam a menções não-identificáveis e não-específicas, genéricas. Expressões referenciais não-identificáveis não são fóricas, porque não requerem que o ouvinte procure um antecedente para interpretá-las. Ao invés disso, elas indicam que a identificação com um referente conhecido não é possível, e um novo arquivo deve ser estabelecido na mente do ouvinte. As referências genéricas também não são mentalmente processadas via menções prévias no texto, mas sim diretamente.

Parece lógico supor que um sujeito indeterminado não pode mesmo ser anafórico, isto é, não pode ter um antecedente que identifique seu referente². Neves (2007) também discute esta questão, mas para ela remissões

²Conforme Halliday (1994), a relação anafórica implica que o ouvinte tem que procurar em outro ponto do discurso para interpretar o elemento anafórico, isto é, recuperar seu referente no discurso. Também para Dik (1997), todos os elementos anafóricos têm necessariamente antecedente no discurso. O antecedente não é usado anaforicamente, mas serve para estabelecer uma entidade no discurso (i.e. construir um referente). Dik propõe, ainda, que elementos anafóricos formam uma cadeia anafórica no discurso, composta do antecedente mais todas as outras referências anafóricas à entidade estabelecida pelo antecedente.

anafóricas podem ocorrer mesmo nos contextos em que não há referente textual anteriormente expresso:

“Se um item como, por exemplo, um pronome pessoal de terceira pessoa, tem seu referente explicitamente mencionado anteriormente no texto, esse referente será recuperado, desde que sejam adequados os processos de textualização, isto é, desde que a função textual (Halliday, 1985) esteja bem cumprida. **Mas um sintagma fórico pode não ter menção anterior explícita e, portanto, pode não haver referente disponível para recuperação.**” (Neves, 2007:87) (grifos nossos)

Exemplos:

(xiv) *Belo Horizonte* foi ah *plantada* foi *planificada* dentro de um plano que: **eles** procuraram seguir até quando foi possível depois houve um crescimento demográfico muito grande

(xv) E como era... essa tecnologia assimilada pelo *Japão*, não é? Antes... da Segunda grande Guerra? Era uma tecnologia assimilada de duas formas: primeiro, pela própria... é pelo próprio desenvolvimento interno **deles**, quer dizer a tecnologia baseada no artesanal, tá?

(xvi) Doc. Você nunca chegou a conviver com nenhuma *família baiana*, né? (...) porque talvez isso não seja uma constante na alimentação **deles**

(xvii) **Andam falando** muito do Ford Corcel. É impressionante como *essa gente toda* vive descobrindo coisas sobre o carro.

(xviii) Fluminense é um *time* que só se defende. **Eles** têm o Valdeir lá na frente, que é rápido, e acham que é suficiente.

(xix) Saiu uma nota no *jornal* que é batata! **Eles** não dizem o nome, mas dão toda a ficha!

(xx) *Lá na Bahia* **eles** usam muito o xaréu. O gengibre também põem. (Neves, 2007:87-88, 115-116)

Estas são remissões anafóricas (ou catafóricas, como no exemplo xvii) não-canônicas, porque a “anáfora” (em negrito) não concorda em gênero e/ou número com o “antecedente” (em itálico), ou simplesmente eles não têm o mesmo estatuto sintático (o pronome “eles” não pode retomar o sintagma preposicionado “lá na Bahia” no exemplo xx). Trata-se, pois, de uma anáfora indireta que envolve inferências por parte do ouvinte. Ainda que haja este antecedente que auxilia, ao menos em parte, na identificação do referente, Neves (2007) classifica estas ocorrências como casos de indeterminação com o uso da 3ª pessoa.

2 RECURSOS DE INDETERMINAÇÃO DO SUJEITO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Se, como visto na seção anterior, a referenciação se cria no discurso, para se interpretar a identidade do referente de uma expressão referencial, há que se analisar o próprio discurso. Com base em Du Bois (1980), Castilho (2010: 298) defende que “o traço definitude é definido no texto, ou seja, nenhuma classe passível de figurar como sujeito será intrinsecamente determinada ou indeterminada”. Castilho cita exemplos de várias formas de sujeito indeterminado, que têm necessariamente de ser validadas no texto: sujeito expresso por pronomes pessoais de “referenciação genérica”, sujeito expresso pelo pronome *se*, e sujeito elíptico com o verbo na terceira pessoa do plural.

(xxi) Normalmente quando **você** não sabe o que fazer, é melhor não fazer nada.

(xxii) Depois da crise econômica, **eles** deram de dizer que as centrais de atendimento não podem passar de um minuto para atender.

(xxiii) **Falou-se** muito numa solução para o caso.

(xxiv) **Pediram** agasalhos para os flagelados. (Castilho, 2010: 298)

Neves (2000) e Ilari, Franchi e Neves (1996) observam que vários dos pronomes pessoais atualmente em uso no Português Brasileiro podem fazer referenciação indeterminada. Entre as formas constatadas, até mesmo os pronomes *eu* e *você* – que, em princípio, seriam altamente determinados, já que fazem referência às pessoas do discurso – podem indicar referência genérica. No caso de *você*, a indeterminação é muito forte, isto é, este pronome equivale a uma pessoa, seja qual for (Neves, 2000; Ilari; Franchi; Neves, 1996). No caso do uso de *eu*, “pode-se pensar num enunciado em que o falante imagine o que qualquer pessoa pode vir a fazer, ou o que pode acontecer, em um determinado lugar, e construa um enunciado de atribuição genérica colocando-se como sujeito do enunciado” (Neves, 2000:463); exemplos:

(xxv) **Você** vai lá, fica dois dias fazendo curso, eles te catequizam, fazem **você** comprar uma tonelada de sabão e abrir o seu negócio. (Neves, 2000: 463)

(xxvi) por exemplo **eu** posso saber todos os sinais de trânsito de cor, tá, **eu** memorizei o meu processo, se vocês me trouxerem o livrinho aquele **eu** respondo todos eles e estou no nível de conhecimento; bem, mas é preciso que **eu** aplique, que **eu** utilize os sinais de trânsito na hora certa (...) (Ilari; Franchi; Neves, 1996: 103-4)

O pronome de primeira pessoa do plural *nós* também é utilizado como recurso de indeterminação do sujeito. Para Neves, “a indeterminação, porém, não é total, já que, na forma *nós*, pelo menos uma referência é determinada,

porque sempre está incluído o falante (o *eu*)” (Neves, 2000:465). Ainda entre as formas de 1ª pessoa, *a gente*, utilizado como pronome pessoal na linguagem coloquial, pode fazer referência genérica, incluindo todas as pessoas gramaticais. Assim como *nós*, *a gente* sempre implica o envolvimento da primeira pessoa no conjunto; exemplos:

(xxvii) **Nós**, todos **nós**, o ser humano não suporta o sucesso do outro ser humano, **nós** odiamos o Pelé.

(xxviii) Nessas horas **a gente** não pensa em nada, perde a cabeça (Neves, 2000: 465,469)

Ilari, Franchi e Neves (1996:100) estabelecem uma diferença entre o uso de *nós* e de *a gente*: “*nós* constitui a escolha para uma indicação mais definida, enquanto *a gente* pode efetuar uma referência mais indeterminada, mesmo que essa expressão continue sendo usada, claramente, em referência à primeira pessoa”; exemplo:

(xxix) Então, quando **nós** fazemos, por exemplo, uma pesquisa, quando **nós** fazemos uma consulta bibliográfica, a rigor, eu tenho que dizer que é a rigor, porque normalmente **a gente** tira exatamente o pedaço do livro que (...) **a gente** tira retalhos (Ilari; Franchi; Neves, 1996:100)

Tais usos apontam para “a possibilidade de pronomes em princípio determinados (em especial os pronomes referentes aos interlocutores) receberem uma interpretação ‘figurada’, por um processo que poderíamos chamar de *metáfora de pessoa*: pronomes de uma determinada pessoa recebem interpretação mais abrangente ou imprecisa” (Ilari; Franchi; Neves, 1996:101).

Segundo Neves (2000:470), outros sintagmas nominais podem fazer referência genérica, especialmente no Português Popular (exs.: *o cara*, *o cidadão*, *o pessoal*), mas não têm estatuto de pronome pessoal como *a gente*. Entre estes está o sintagma nominal *a pessoa*, cujo uso não é restrito ao Português Popular. A autora constata uma ocorrência de alternância entre os recursos de indeterminação citados acima: pronome pessoal *você* e sintagma nominal genérico *a pessoa*:

(xxx) Cuidadosa, tirânica, absorvente, toma conta de **você**, bebe **você**, asfixia **você** ! Devora, antes que **a pessoa** tenha percebido ou tentado se defender (Neves, 2000:470).

Entre as formas de 3ª pessoa, Neves (2000) e Ilari, Franchi e Neves (1996) citam *eles* e verbo na 3ª pessoa do plural ou do singular com casa vazia do sujeito. A referência genérica com o uso do pronome *eles* resulta em indeterminação parcial, porque só abrange a 3ª pessoa, sempre excluindo a 1ª e 2ª pessoas. Tais estudos constataam, porém, que mais comum é que a referência genérica seja feita sem o uso do pronome sujeito e com o verbo na

3^a pessoa do plural. Neste caso, mantém-se o caráter restrito da generalização, isto é, ela só se aplica a 3^a pessoa. Menos comum e de registro mais popular é o uso da forma verbal de 3^a pessoa do singular, a qual não vem acompanhada do pronome *se*. Diferentemente da forma de 3^a pessoa do plural, a forma verbal de 3^a pessoa do singular pode chegar a abranger todas as pessoas gramaticais. A opção pela casa vazia do sujeito mostra também que a noção de indeterminação nem sempre é realizada com o uso de pronomes; exemplos:

(xxxix) Sabe como é, quando a gente se acostuma com uma coisa, **eles** inventam outra.

(xxxix) **Jogaram** alguém na piscina;

(xl) Lá **tira** título de eleitor, documento. (Neves, 2000: 464)

A forma verbal de 3^a pessoa do singular com o pronome *se* é considerada a maximamente indeterminada e generalizada, uma vez que abrange todas as pessoas gramaticais (Ilari; Franchi; Neves, 1996; Neves, 2000); exemplo:

(xli) Ainda hoje, **insiste-se** em cultivar milho e feijão em climas totalmente inadequados a tais culturas, que exigem chuvas regulares. (Neves, 2000: 465)

Tais estudos comprovam que há diversos graus de generalização. Ilari, Franchi e Neves (1996) chamam atenção para o fato de que a exclusão ou inclusão necessária de uma das três pessoas gramaticais também constitui uma forma de determinação. Assim, conclui-se que a indeterminação é uma questão de grau e que, portanto, tais formas podem ser mais ou menos indeterminadas. Partindo de uma perspectiva funcionalista, pode-se ainda formular a hipótese de que as diferentes formas não são empregadas aleatória e indiscriminadamente pelos falantes, uma vez que elas transmitem matizes significativos distintos, exprimindo os vários sentidos da indeterminação (Ilari; Franchi; Neves, 1996).

3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

Consideramos uma forma indeterminada quando não é possível para o ouvinte identificar seu referente de forma clara e precisa no discurso anterior ou posterior à ocorrência – colocamo-nos, pois, no papel de ouvinte do discurso. Não foram incluídas, portanto, instâncias de sujeito determinado, em que há um antecedente disponível que identifica o referente da anáfora ou catáfora (Dik, 1997), como nos exemplos a seguir.

(xlii) tinha antis né? tinha *uns maloqueru* aí mais... Ø **acatarum** encrenca cum a ota cum otu maloqueru i Ø **foru** imborna... cum medu da ota Ø num **voltô** mais... agora tá calmu... morreu um cara (Inf. A)

(xxxvi) dá raiva porque **a genti** é criadu di um jeitu... *eu i a minha irmã* fomus criadu di um jeitu (Inf. A)

Restringimos nossa análise a formas pronominais (pronomes pessoais) e formas verbais (verbos com casa vazia do sujeito) que expressam indeterminação do sujeito. Não foram incluídas ocorrências em que um sintagma nominal ou um pronome indefinido exercem este papel, embora possam ser encontradas no corpus, como nos exemplos abaixo.

(xxxvii) **muitas pessoa** né? ixplora dimais a genti (Inf. B)

(xxxviii) tem **caboclu** rúim a genti nota qui **u cara** é rúim dimais né? (Inf. K)

(xxxix) mais eu quiria sabê nu fim di anu comu é qui é u tal di reveion qui **a turma** fala (Inf. A)

(xl) aqui a maioria... **todu mundu** faiz lagi... coloca essas lagi (Inf. A)

(xli) mais pa í na fera num é cumigu não num tenhu paciência di ficá andandu nu meu di tanta genti assim... **um** impurra pra cá **otru** impurra pra lá (Inf. A)

(xlii) Doc. i num tem essi hábitu? **u pessual** / Inf. não aqui... **ninguém** faiz festa (Inf. C)

4 ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Forma da indeterminação

Em 23 inquéritos que integram o corpus do Projeto Português Popular em São Paulo, recolhemos todas as formas utilizadas para indeterminar o sujeito, totalizando 1677 ocorrências. Tais formas podem ser divididas em dois grandes grupos, que correspondem às duas estratégias sob estudo para expressar indeterminação: (1) *uso de formas pronominais* e (2) *uso de formas verbais*.

No GRUPO 1 se encaixam as ocorrências de pronomes pessoais (*eu, nós, você, a gente, eles, a senhora*³, etc.) formalmente expressos na oração, assim como a casa vazia do sujeito retomando tais pronomes.

³Com base no uso constatado no Português Culto, Ilari, Franchi e Neves (1996:83,93) defendem que os pronomes de tratamento *o senhor/a senhora* sejam incluídos, entre as formas de 2^a pessoa, no quadro de pronomes pessoais do Português Brasileiro. No nosso corpus, o pronome de tratamento *a senhora* tem função semelhante a *você*, sendo ambas as formas de 2^a pessoa usadas para referência genérica.

O GRUPO 2 engloba as ocorrências de formas verbais (de infinitivo, gerúndio, 3^a pessoa do singular ou do plural) com casa vazia do sujeito, não associadas a nenhum pronome mencionado no discurso anterior à ocorrência⁴.

GRUPO 1: uso de formas pronominais

a) pronome pessoal de 1^a pessoa do singular *eu*, exs.:

- (1) qui si **(a) eu** sô um cara disonestu **(b) eu** vô trabaiá na casa da sinhora... **(c) Ø** já entru cum medu assustadu... certu? (Inf. J)

b) pronome pessoal de 1^a pessoa do plural *a gente*, exs.:

- (2) ah purque sempri **(a) a genti** sai... u serviçu qui **(b) a genti** qué **(c) a genti** vai **(d) Ø** prucura mais sempri tem um incarregadu uma pessoa qui acha rúim u serviçu da genti... intão **(e) Ø** num fica... **(f) a genti** é mandadu imhora (Inf. A)

c) pronome pessoal de 1^a pessoa do plural *nós*, exs.:

- (3) meu pai num consentia issu... **(a) nós** saí di casa pra **(b) Ø** istudá... **(c) Ø** tinha qui aprendê a lê pur cabeça nossa memu... (Inf. E)⁵

d) pronome pessoal de 2^a pessoa do singular *você*, exs.:

- (4) (...) uma fila di ienipeessi **(a) cê** tem qui levá até marmita pra **(b) Ø** armuçá lá... i dipois pa **(c) Ø** chegá lá u médicu só vai oiá você... num coloca nem um apareiu nem nada... eli só dá dá uma oiada assim (Inf. H)

e) pronome de tratamento de 2^a pessoa do singular *a senhora*, exs.:

⁴Para facilitar a leitura dos exemplos, marcaremos a forma de indeterminação do seguinte modo: **uso de formas pronominais** com o pronome expresso em negrito ou zero retomando o pronome em negrito (**elis** viessi... i **Ø** perguntassi); e **uso de formas verbais** com zero e a própria forma verbal em negrito (**Ø coloca**).

⁵Note-se que, apesar de o verbo não apresentar a flexão de 1^a pessoa do plural, o referente “nós” se mantém no discurso, como mostra o pronome possessivo “nossa” utilizado no trecho subsequente.

- (5) Inf. lá num tem a/ u impregu... num tem u dinheru... num tem a fartura... i num tem a liberdadi... purQUE (a) a **sinhora** sem cumê (b) Ø sem sem tê u dinheru (c) Ø sem tê nada um impregu comu é qui (d) a **sinhora** tem liberdadi?... (e) Ø num tem... é um lugar qui (f) a **sinhora** vevi solta i (g) Ø tá presu... (h) a **sinhora** num tem u dinheru... (i) Ø num tem seu impregu (j) Ø ganhá seu dinheru (l) pra **sinhora** vivê / Doc. pra planejá a vida né?/ Inf tá certu? é... purqui (m) a **sinhora** é impregadu () i etcetra i tal... né? intão aQUI é um céu (Inf. J)

f) pronome de 3^a pessoa do singular *ele*, exs.:

- (6) Doc. lá é mais restritu... mais fechadu/ Inf. é... é mais fechadu... qué dizê qui a pessoa fica assim:: incurraladu... (a) **eli** fica num becu sem saída... cum profissão ou sem profissão... (b) **eli** fica u disimpregu fica u disimpregu i aí é ondi (c) **eli** passa necessidadi... aí é ondi vem a fomi vem a miséria infim né? (Inf. K)

g) pronome de 3^a pessoa do singular *ela*, exs.:

- (7) eli u povu... u povu lá fora fala assim (pur exemplu)... você vai arrumá um serviçu numa numa casa assim di... pá trabalhá assim fala qui é faxinera (a) **ela** ti dispensa... fala qui mora qui mora na favela (b) **ela** ti dispensa na ho:ra pur qui elis tem medu porque pra e:lis... quem mora na favela é tudu bandidu é tudu maloqueru é tudu uma coisa só sabi? (Inf. D)

h) pronome de 3^a pessoa do plural *elas*, exs.:

- (8) gostaria qui (a) **elis** viessi aí i:... (olhá) “cê fica cum essi quartu di terra... ou nós constrói ou ajudu você construí”... gostaria assim né?... issu o intão (b) **elis** chegassi ni mim i (c) Ø perguntassi “cê é pedreru?” “sô”... “intão nós vamu ti ajudá cê fazê uma casa di tijolu”... eu gostava assim... o intão (d) **elis** fizessi ... i (e) Ø vendia pa genti pur um preçu... razuável qui a genti pudessi pagá né? (Inf. H)

i) pronome de 3^a pessoa do plural *elas*, exs.:

- (9) ... num quis ficá nu bem istá... u sila saiu purqui eli eli é doidu da cabeça né? () num fica im lugar nenhum mesmu... (a) **elas** pelejô (b) Ø mandava chamá eli... mais num tem jeitu... (Inf. U)

GRUPO 2: uso de formas verbais

j) verbo na 3ª pessoa do singular, acompanhado do pronome *se*, ex.:

- (10) “professora di quê: carlus qui cêis num podi perguntá nada pra ela?”
a ... ((o filho responde)) matemática... quando vai perguntá as coisa
pra ela ela vem dandu: comu **(a) si diz** vem dandu patada né? (Inf. C)

k) verbo na 3ª pessoa do singular, com casa vazia do sujeito, exs.:

- (11) **(a) Ø coloca** duas junta di boi né? i **(b) Ø vai giranu** i a **(c) Ø vai colocanu** a cana assim... i a vaisainu a garapa né? i daquela garapa vai pu tachu... fugão di lenha né? qui **(d) Ø faiz**... i ali **(e) Ø vai mexenu** caquela garapa até ela dá u pontu da rapadura... dipois **(f) Ø põe** ela num:... num **(g) Ø fala** cochu né? grandão assim di pau i **(h) Ø vai batenu** batenu igual **(i) Ø tá fazenu** u pontu di um doci (Inf. C)

l) verbo na 3ª pessoa do plural, com casa vazia do sujeito, exs.:

- (12) Doc. a prefeitura já falô alguma COisa du terrenu ou não?/ Inf. não... não... **(a) Ø andarú midinu** aí midinu num sei pra quê num sei pra quê **(b) Ø andarú midinu** aí (Inf. H)

m) verbo no infinitivo impessoal, com casa vazia do sujeito, ex.:

- (13) tem qui fazê di tudu... **(a) Ø lavá** **(b) Ø passá**... **(c) Ø cuzinhá** **(d) Ø arrumá**... tudu issu (Inf. B)

n) verbo no gerúndio, com casa vazia do sujeito, ex.:

- (14) essi negóciu também eu num gostu... entendeu? eu num gostu di tá toda hora na casa di um na casa di otu... eu tenhu essi sistema eu num gostu dissu né? mais... **(a) Ø querendu vim** na minha casa... podi vim a hora qui quisé né? (Inf. C)

Os resultados são exibidos na tabela 1 a seguir. A forma de indeterminação mais utilizada no Português Popular falado na capital paulista é o pronome pessoal *a gente* (36,55% dos dados). Isto confirma uma tendência já constatada por Milanez (1982) no Português Culto de São Paulo. A segunda estratégia preferida é o pronome de 3ª pessoa do plural *eles*, com 18,54% dos dados. Em

Tabela 1: forma da indeterminação

FORMA DA INDETERMINAÇÃO	Número de ocorrências	Porcentagem
GRUPO 1: FORMAS PRONOMINAIS		
Eu	30	1,78%
A gente	613	36,55%
Nós	90	5,36%
Você	89	5,30%
A senhora	94	5,60%
Ele	26	1,55%
Ela	3	0,17%
Eles	311	18,54%
Elas	8	0,47%
GRUPO 2: FORMAS VERBAIS		
Se + verbo	16	0,95%
Verbo na 3ª pessoa do singular	251	14,96%
Verbo na 3ª pessoa do plural	70	4,17%
Infinitivo	74	4,41%
Gerúndio	2	0,11%
TOTAL	1677	

terceiro lugar, ainda com uma frequência de uso significativa, temos a forma verbal de 3ª pessoa do singular com casa vazia do sujeito (14,96%). Esta terceira estratégia é considerada típica do Português Popular, uma vez que o verbo não vem acompanhado do pronome *se*. É importante observar também que estas três formas (*a gente*, *eles* e verbo na 3ª pessoa do singular com casa vazia do sujeito) foram encontradas na fala de todos os 23 informantes da pesquisa.

Com uma menor frequência de uso, em torno de 5%, estão: os pronomes pessoais *nós* e *você*⁶, o pronome de tratamento *a senhora*, e as formas verbais (com casa vazia do sujeito) na 3ª pessoa do plural e no infinitivo.

Com uma baixíssima frequência de utilização, menos de 2%, estão os pronomes pessoais *eu*, *ele*, *ela*, *elas*, a forma verbal de 3ª pessoa do singular acompanhada do pronome indeterminador *se* e a forma verbal no gerúndio.

⁶Foram encontradas ocorrências da forma no plural *vocês*, mas estas foram excluídas dos dados, por tratar-se de instâncias de discurso direto, ex.: eu falu “intão leva pra *vocêis* i Ø caba di criá . . . eu tô educandu agora pra amanhã ou dipois **vocêis** num pricisá matá eli” (Inf. H). Formas indeterminadas neste contexto não foram consideradas na análise, na medida em que fazem referência a uma outra situação discursiva, o que dificulta e complica os critérios de análise do fator abrangência de pessoa, de que trataremos adiante.

Dentre as 16 ocorrências encontradas do pronome *se* mais verbo na 3ª pessoa do singular, 12 correspondem à expressão “como se diz”, uma forma cristalizada, evidenciando que este modo de indeterminar o sujeito através do uso de *se* é já pouquíssimo frequente no Português Popular.

4.2 Preenchimento do sujeito

Observemos os exemplos com sujeito zero a seguir:

- (15) uns cincü meis seis meis pareci qui a genti tava aqui aí *elis* veiu i (a) Ø feiz a (b) Ø vieru e (c) Ø fizeru a ligação... mais (d) Ø fizeru a ligação assim... um um uma ligação pa cincü seis pessoa sabi? intão era a maior cunfusão (Inf. D)
- (16) Inf. (a) Ø **falaru** qui (b) Ø **vai lotiá**... qui vai saí uma avinida aqui vai saí uma aqui ota lá... ota lá im CIma i ota aqui / Doc. QUEM qui tá fazendu issu?/ Inf. (c) Ø **diz** qui (d) Ø **vai fazê** eu num sei (Inf. L)

Ao considerarmos a forma da indeterminação, optamos por estabelecer uma diferença entre zeros anafóricos como em (15), em que a casa vazia do sujeito retoma o pronome *eles*⁷, e zeros não-anafóricos como em (16), em que as formas verbais de 3ª pessoa do singular e do plural não estão associadas a nenhum pronome mencionado no discurso. Na tabela a seguir, amalgamamos estas duas categorias para contrapô-las às ocorrências de sujeito expresso.

Tabela 2: forma da indeterminação

PREENCHIMENTO DO SUJEITO	Número de ocorrências	Porcentagem
Sujeito expresso	895	53%
Sujeito zero	782	47%
TOTAL	1677	100%

⁷Neste caso, o sujeito zero é anafórico porque requer que o ouvinte recupere seu referente (a forma pronominal) no discurso anterior. Embora esta forma pronominal seja indeterminada, no sentido de que seu referente é *não-identificável* para o ouvinte, ela é *referencial* e pode ser considerada um tipo de *antecedente* que junto às demais ocorrências de sujeito zero formam uma cadeia anafórica.

A tabela 2 mostra que, para expressar a indeterminação, o falante do Português Popular utiliza com uma frequência um pouco maior a estratégia de preencher o sujeito com um pronome (53%), do que a estratégia de sua omissão (47%). Esta diferença, no entanto, não chega a ser muito significativa (6%).

Se, porém, voltarmos a estabelecer a distinção entre sujeito zero anafórico e não-anafórico, examinando concomitantemente a forma da indeterminação e o preenchimento do sujeito (tabela 3 a seguir), observamos que quando se opta por uma forma pronominal, é muito maior a tendência de preencher o sujeito com um pronome (71%) do que de omitir tal pronome (29%). Neves (2007:48) já havia verificado esta tendência no caso de *eu*: “Parece que o uso da primeira pessoa do singular em referência indeterminada requer a expressão do pronome sujeito, exatamente por constituir um emprego extremamente marcado, visto que, em princípio, o pronome *eu* é maximamente determinado (referenciador da pessoa que fala).” A tabela 3 confirma esta tendência, mas mostra que talvez não tenha relação direta com pronomes que representam pessoas do discurso, já que a mesma tendência de preenchimento do sujeito pode ser constatada com todos os pronomes de forma generalizada.

Tabela 3: preenchimento do sujeito conforme a forma da indeterminação

FORMA DA INDETERMINAÇÃO	PREENCHIMENTO DO SUJEITO	
GRUPO 1: FORMAS PRONOMINAIS	Sujeito expreso	Sujeito zero (anafórico)
Eu	21/30=70%	9/30=30%
A gente	407/613=66%	206/613=34%
Nós	71/90=79%	19/90=21%
Você	70/89=79%	19/89=21%
A senhora	69/94=73%	25/94=27%
Ele	21/26=81%	5/26=19%
Ela	3/3=100%	-
Eles	227/311=73%	84/311=27%
Elas	6/8=75%	2/8=25%
Total	895/1264=71%	369/1264=29%
GRUPO 2: FORMAS VERBAIS	Sujeito zero (não-anafórico)	
Se + verbo	-	16/16=100%
Verbo na 3ª pessoa do singular	-	251/251=100%
Verbo na 3ª pessoa do plural	-	70/70=100%
Infinitivo	-	74/74=100%
Gerúndio	-	2/2=100%
Total	-	413/413=100%

4.3 Grau de indeterminação

Com base na noção funcionalista de que existe um continuum, e não uma divisão absoluta, entre determinação e indeterminação, procuramos relacionar estas formas a graus de indeterminação, partindo do menos indeterminado (casos em que há pistas explícitas no texto ou implícitas no contexto para se inferir parcialmente o referente) até o mais indeterminado (i.e. ausência completa de pistas). Esta classificação é baseada na proposta de Micheletti (2000), que analisou a indeterminação com o pronome *eles*.

(i) Pista referencial no texto

O caso mais comum de pista referencial no texto são as instâncias em que um **Locativo** (geralmente na forma de um sintagma preposicionado) restringe e delimita o referente da forma indeterminada. Este Locativo (em itálico) pode ser bem abrangente (*no Paraná*) ou mais restrito (*aqui na favela*); exemplos:

- (17) se (a) **eu** moro l em são/ *em*: :: *minas l no paraná*... (b) **eu** v levantá meio dia... (c) **eu** s doenti (d) **eu** não tenhu sadi (e) \emptyset nu sei que... dia vinti i cinco (f) **eu** nu tenhu dinheru... dia dis (g) \emptyset tmbm não tenhu (h) \emptyset posso isperá quando d dá nos fim das colheita... não d nada que (i) **queu** ganhei? (Inf. t)
- (18) comu eu nasci *nu paraná* (...) l é diferente... u modu di fal l é... (a) \emptyset **chamá** um garotu l eli num atendi/Doc. pur qu?/ Inf. (b) \emptyset **tem qui chamá** di pi ((ri)) lá si (c) **c** fal (d) \emptyset cheg *l nu paraná*... () nu interior assim fora da cidadi falandu u mulequi l di garotu o di mulequi qualqué coisa (num atendi) tem qui s di pi... si (e) \emptyset **fal** " pi vem aqui" eli vem... eli atendi i tudu... mais si (f) \emptyset **chamá** di mulequi eli num atendi... (Inf. A)
- (19) Doc. comu  qui  a vida *aqui na favela?*/ Inf. ah... *aqui*  muito rim... agora t melhorandu n? mais antis (a) \emptyset num **pudia sa** pra fora di casa... *aqui* era um piri:gu danadu (b) \emptyset **sa** (c) \emptyset **dexá** a casa sozinha tamém (d) \emptyset num **pudia**... into num gostu é muito rim... (Inf. A)
- (20) nem aniversriu (a) **a genti** podi fazê *aqui nessi lug* minina (Inf. B)

Outro tipo de pista referencial no texto é a meno de um **grupo institucional, empresarial, educacional, esportivo**, etc. (em itálico), que igualmente delimita o conjunto de possíveis referentes da forma indeterminada; exemplos:

- (21) daí ela foi pru *hospital da friguísia*... socorreu... imediatamente u maridu dela né? aí **(a) elis** viu qui num tinha jeitu (Inf. C)
- (22) qué dizê qui a genti fica pensanu im construí dipois chega a *prefeitura* i tira i leva pa otru lugá... porque **(a) elis** faz assim (Inf. E)
- (23) a professora quandu é dia di jogu... quandu é dia di jogu da *seleção* aí... qui **(a) elis** treina... ela sorta mais cedu... treis hora ela manda todú mundu imbora (Inf. E)
- (24) Doc. você dissí qui trabalhô numa... na firma i qui era arrematadera na firma / Inf. *na zorba* (...) fiquei *lá* treis mesi... fiquei treis mes num... na... nu overloqui... mais só qui **(a) elis** num colocaru na minha cartera comu overloquista () (Inf. A)
- (25) Doc. lá num dão almoçu?/ Inf. *nu bem está?* **(a) Ø dá** (Inf. B)

Um terceiro tipo de pista referencial no texto é a menção de **um sintagma nominal** no discurso anterior, que é retomado por uma forma pronominal ou verbal. É importante notar, no entanto, que apesar da relação anafórica, não se trata de um caso clássico de anáfora, uma vez que o pronome e/ou o verbo não concordam em gênero e/ou número com o sintagma nominal (nos exemplos a seguir, em itálico) com o qual se relacionam.⁸

- (26) ... intão *as criança* qui istuda nu nu grupu na parti da manhã **(a) elis** vão na tardi (Inf. r)
- (27) Doc. lá é mais restritu... mais fechadu/ Inf. é... é mais fechadu... qué dizê qui *a pessoa* fica assim:: incurraladu... **(a) eli** fica num becu sem saída... cum profissão ou sem profissão... **(b) eli** fica u disimpregu fica u disimpregu i aí é ondi **(c) eli** passa necessidadi... aí é ondi vem a fomi vem a miséria infim né? (Inf. K)
- (28) a genti incontra cum... só cu *aquelas pessoa* qui... qui... qui ((mãe interfere)) comunica cum a genti qui só põe a genti a... a ficá alegri... nunca **(a) elis** procura é... a... a... ((filho interfere)) abaxá u astral da genti... sempri **(b) Ø** procura a suspendê u astral da genti (Inf. r)

⁸Uma ocorrência deste tipo com sujeito [+animado] foi excluída dos dados por não conter o traço [+humano] que está semanticamente implicado quando o sujeito é indeterminado: “**elis** gostava di comê ropa *as vaca*” (Inf. B).

- (29) Inf. sinti muito agora não... porque tinha *muitu bandidu* aqui sabi? agora graças a deus acabô... mais / Doc. i acabô comu? / Inf. acabô tinha um homi aí qui... um tal di justiceru aí cabô cum tudu... (a) \emptyset **foru sainu** sainu sainu (Inf. D)

Consideramos, ainda, que o **pronome de 1ª pessoa do singular** *eu* é pista referencial presente no texto, nas instâncias de emprego das formas de indeterminação *a gente* e *nós*. Isto porque estas formas têm necessariamente a 1ª pessoa semanticamente implicada.

- (30) Doc. pur que você dissi qui é difícil arrumá serviçu? / Inf. ah porque sempre (a) **a genti** sai... u serviçu qui (b) **a genti** qué (c) **a genti** vai (d) \emptyset procura mais sempre tem um encarregadu uma pessoa qui acha ruim u serviçu da genti... intão (e) \emptyset num fica... (f) **a genti** é mandadu imhora... qui nem *eu* qui trabaiei na editora abril... é difícil di entrá mais pa saí é a coisa mais fácil... fiquei lá três meis só... intão num gostei muito di lá... (Inf. A)
- (31) mais comu é qui (a) **nóis** num cunheci... (b) **nóis** foi criadu num era quarqué gripinha (c) **nóis** tava nu hospital... lá não... gripinha um chazinho quarqué coisa () *eu* vim mi aduecê mais aqui im são paulu du que lá (Inf. E)

(ii) Pista referencial no contexto

Este item abrange os casos em que, embora não mencionado, é possível inferir o referente a partir do contexto, mesmo que de maneira vaga; exemplos:

- (32) TOdu anu a genti tem qui gastá um dinherão cum material né?... lápi cadernu é borracha é apontador... tudu... intão... já qui (a) \emptyset **vão** na iscola i num (b) \emptyset **tão aprendenu** nada issu aí tá é um dinheru jogadu fora... num é? (Inf. H)
- (33) ali era horrível aquele carumbé ali... ago:ra... melhorô pa caramba... todas rua tão asfaltada... falta algumas mais (a) **elis** nunca resolvi asfaltá (Inf. A)
- (34) eli u povu... u povu lá fora fala assim (pur exemplu)... (a) **você** vai arrumá um serviçu numa numa casa assim di... pa (b) \emptyset trabalhá assim (c) \emptyset fala qui (d) \emptyset é faxinera (e) **ela** ti dispensa... (f) \emptyset fala qui (g) \emptyset mora qui (h) \emptyset mora na favela (i) **ela** ti dispensa na ho:ra (Inf. D)

- (35) (a) **a sinhora** vai pegá uma fila di ienipeessi (b) **cê** tem qui levá até marmita pra (c) \emptyset armaçá lá... i dipois pa (d) \emptyset chegá lá u médicu só vai oiá você... num coloca nem um apareiu nem nada... eli só dá dá uma oiada (Inf. H)
- (36) eu num gostu di tá toda hora na casa di um na casa di otu... eu tenhu essi sistema eu num gostu dissu né? mais... (a) \emptyset **querendu vim** na minha casa... (b) \emptyset **podí vim** (Inf. C)

(iii) Ausência de pistas

Engloba os casos em que não há nenhuma pista para se identificar o referente da forma indeterminada; exs.:

- (37) intão qui (a) **a genti** dá só dá valor às coisa depois qui (b) \emptyset per:di né?... (Inf. C)
- (38) porque há: uns déiz anus atrais uns quinze anu/ uns quinzí anus atrais... é já faiz vinti i pocus anus qui eu tô aqui... já tenhu vinti anu di profissão... tenhu mais di vinti anu di profissão... ((voz de criança ao fundo)) AÍ por ixemplu (a) \emptyset **saía** daqui hoji... (b) \emptyset **chegava** naquela isquina... (c) **cê** arrumava impregu (Inf. K)
- (39) a genti vê qui EU vi não mais a genti vê (a) \emptyset **contá** né? assim... (b) **elis** acharu uma muié aí né?... ca:... corpu só dipois qui (c) \emptyset acharu a cabe::ça... () HOmi eu sei qui (d) **elis** sempri mata (e) \emptyset jogaí... passa dois treis dia (f) **elis** acha (Inf. C)
- (40) u fazenderu num facilita... si vem pra u pru:: pra comu é qui (a) **si diz**... pra capital... é muito piquenu a::: co/ num há comunidadi pra pra acumulá todú mundu (Inf. K)
- (41) gira... issu memu... (a) \emptyset **coloca** duas junta di boi né? i (b) \emptyset **vai giranu** i a (c) \emptyset **vai colocanu** a cana assim... i a vai sainu a garapa né? i daquela garapa vai pu tachu... fugão di lenha né? qui (d) \emptyset **faiz**... i ali (e) \emptyset **vai mexenu** daquela garapa até ela dá u pontu da rapadura... dipois (f) \emptyset **põe** ela num:... num (g) \emptyset **fala** cochú né? grandão assim di pau i (h) \emptyset **vai batenu** batenu igual (i) \emptyset **tá fazenu** u pontu di um docí (Inf. C)
- (42) ela morreu de repenti (...) (a) \emptyset **falaru** qui ela bateu a cabe:ça quandu ela caiu issu aí eu num sei né?... (Inf. C)

Tabela 4: grau de indeterminação

GRAU DE INDETERMINAÇÃO	Número de ocorrências	Porcentagem
Pista referencial no texto	1088	65%
Pista referencial no contexto	342	20%
Ausência de pistas	247	15%
TOTAL	1677	100%

Tabela 5: forma da indeterminação e grau de indeterminação

FORMA DA INDETERMINAÇÃO	GRAU DE INDETERMINAÇÃO		
	Pista referencial no texto	Pista referencial no contexto	Ausência de pistas
Eu	30/30=100%	-	-
A gente	464/613=76%	126/613=20%	23/613=4%
Nós	68/90=75,5%	17/90=19%	5/90=5,5%
Você	35/89=39%	13/89=15%	41/89=46%
A senhora	32/94=34%	62/94=66%	-
Ele	25/26=96%	-	1/26=4%
Ela	1/3=33%	2/3=67%	-
Eles	229/311=74%	45/311=14%	37/311=12%
Elas	4/8=50%	4/8=50%	-
Se + verbo	3/16=19%	-	13/16=81%
Verbo na 3ª pessoa do singular	118/251=47%	47/251=19%	86/251=34%
Verbo na 3ª pessoa do plural	33/70=47%	12/70=17%	25/70=36%
Infinitivo	46/74=62%	12/74=16%	16/74=22%
Gerúndio	-	2/2=100%	-

A tabela 4 mostra que a maior parte das ocorrências encontradas no corpus (65%) vem acompanhada de algum tipo de pista referencial no texto, que ajuda a inferir o possível referente da forma indeterminada, ainda que de forma vaga e imprecisa. Com 20% de frequência geral estão as ocorrências com pista referencial no contexto. Menos numerosas são as instâncias de ausência completa de pistas (15%).

A tabela 5, por seu turno, evidencia que praticamente todas as formas de indeterminação podem vir acompanhadas de pista referencial no texto – somente não foram encontradas ocorrências de gerúndio. Conforme se avança para o outro extremo deste continuum de indeterminação, isto é, ausência completa de pistas, pode-se notar uma diminuição na variedade de formas utilizadas.

Entre as formas pronominais de 1ª pessoa, *eu* ocorre categoricamente com pistas referenciais no texto (exemplo 17). *A gente* e *nós* igualmente tendem a ocorrer com pistas referenciais presentes no texto (exemplos 20, 30 e 31) com altíssima frequência, respectivamente 76% e 75,5%.

Já as formas de 2^a pessoa têm um comportamento diferenciado. O pronome *você* pode ocorrer nos três contextos: com pistas no texto (exemplos 18c-d), no contexto (exemplos 34a-d, f-h; 35b-d), ou ausência completa de pistas (exemplo 38c), mas é neste último caso que é usado mais frequentemente (46%), fato que talvez esteja relacionado a sua recorrente função de ilustrar situações genéricas, comuns a qualquer indivíduo (voltaremos a tratar desta questão na seção a seguir). O pronome de tratamento *a senhora*, por sua vez, também ocorre com esta função de exemplificação, mas aparece mais frequentemente com pistas referenciais no contexto (66%). Isto se explica pelo fato de esta forma ser motivada pela documentadora que realizou as entrevistas, isto é, o falante utiliza *a senhora* em princípio para referir a sua interlocutora, mas acaba generalizando a forma para outras pessoas gramaticais, o que a torna indeterminada (exemplo 35a).

As formas pronominais de 3^a pessoa, assim como as de 1^a pessoa, tendem a estar acompanhadas de pistas referenciais no texto (*ele*: 96%, *eles*: 74%, *elas*: 50%) (exs. 21 a 24, 26 a 28) – apenas *ela* aparece mais constantemente com pista referencial que pode ser inferida pelo contexto (67%) (exemplos 34e,i), mas são pouquíssimas as ocorrências deste pronome.

Entre as formas verbais, *se + verbo* contrasta com as outras categorias, na medida em que é altíssima a frequência de emprego desta forma (81%) nos casos em que não há nenhuma pista para se identificar o referente (exemplo 40). Já as outras formas verbais tendem a ser mais geralmente utilizadas junto de pistas referenciais no texto – verbo na 3^a pessoa do singular: 47%, verbo na 3^a pessoa do plural: 47%, infinitivo: 62% (exemplos 18a-b,e-f; 19, 25, 29) –, embora possam também ser utilizadas nos casos de ausência completa de pistas (exemplos 38a-b, 39a, 41, 42). O gerúndio ocorre categoricamente com pistas referenciais no contexto (exemplo 36a), mas foram encontradas poucas ocorrências.

Nossos achados diferem parcialmente daqueles verificados no Português Culto por Milanez (1982), que atesta que *eles* tende a ocorrer junto de um grupo social implícito ou explícito, ao passo que a forma verbal de 3^a pessoa do plural com casa vazia do sujeito seria a maximamente indeterminada, uma vez que não está sujeita a esta restrição. No corpus de Português Popular analisado na presente pesquisa, são numerosos os casos em que *eles* vêm acompanhado do referido grupo social (exemplos 21, 22, 23, 24), mas o verbo na 3^a pessoa do plural com casa vazia do sujeito, assim como as outras formas, se comportam de maneira semelhante, isto é, geralmente figuram junto de pistas referenciais presentes no texto.

Resumidamente, nossos dados comprovam que, enquanto grande parte das formas tende a ocorrer com pistas referenciais presentes no texto ou no contexto, somente as formas *você* e principalmente *se + verbo* são utilizadas mais frequentemente nos casos de ausência completa de pistas.

4.4 *Função da indeterminação*

Procuramos relacionar as formas utilizadas a algumas das funções exercidas pela indeterminação. Esta análise é baseada nas categorias propostas por Milanez (1982), às quais acrescentamos mais uma função que denominamos “economia linguística”. Tais funções são hipóteses explicativas dos usos das formas de indeterminação. A classificação das ocorrências se baseia primordialmente no contexto discursivo em que ocorrem.

(a) **amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular:** o falante utiliza uma forma indeterminada para se descomprometer, ou minimizar sua responsabilidade ou participação no evento; exs.:

A GENTE

- (43) Inf. nessa mata aí aconteci cada coisa / Doc. cê tem algum casu assim... pra mi contá?/ Inf. ah::... ah (a) **a genti** vê qui EU vi não mais (b) **a genti** vê contá né? assim... elis acharu uma muiê aí né?... ca:... corpu só dipois qui acharu a cabe::ça... (Inf. C)

NÓS / VERBO NO INFINITIVO

- (44) (a) **nóis** dexava us mininu trancadu pra mim í trabalhá pur dia purque num podia trabalhá pur méis fichadu né?... (b) **Ø dexá** criança piquena era tudu piquininihu u mais novu tinha u quê? tinha um anu... (c) **Ø dexá** tudu piquenu aí... (Inf. B)

VERBO NA 3ª PESSOA DO SINGULAR

- (45) lá nu era nu na roça né? (a) **Ø trabaiava** na roça... qué dizê qui tinha um sítu di cincu alqueris... qui () café tinha pomar vaca... tudu issu (b) **Ø tinha qui cuidá** né?... qué dizê qui (c) **Ø tinha** qui... (d) **Ø istudava** di manhã... oitu hora... (e) **Ø saía** às onzi... dipois (f) **Ø trabalhava** à tardi na roça... qué dizê (g) **Ø ficava carpindu** café (Inf. E)

(b) **focalizar a ação verbal:** do ponto de vista da distribuição da informação no discurso, o falante parece ter a intenção de focalizar a ação verbal, e não o sujeito que a realiza; exs.:

A GENTE

- (46) mais deus mi livri di í numa festa aqui... eu tenhu até medu nem aniversáriu (a) **a genti** podi fazê aqui nessi lugá minina (Inf. B)

A GENTE / VOCÊ

- (47) ah:: é pur causa di bandidu memu qui **(a) a genti** tem qui fazê issu aí porque si **(b) a genti** for amedrontá... né?... **(c) você** num podi amedrontá cum essis... cum essa raça... cum essi tipu di genti né?... porque::... intão elis aproveita né?... intão **(d) a genti** tem qui dá uma di machão tamém..né?... si elis é machão **(e) a genti** tem qui dá uma di machão tamém (Inf. s)

VERBO NA 3ª PESSOA DO SINGULAR / VOCÊ

- (48) **(a) Ø tem qui chamá** di piá ((ri)) lá si **(b) cê** falá chegá lá nu paraná... () nu interior assim fora da cidadi falandu u mulequi lá di garotu o di mulequi qualqué coisa (num atendi) tem qui sê di piá... si **(c) Ø falá** “ô piá vem aqui” eli vem... eli atendi i tudu... mais si **(d) Ø chamá** di mulequi eli num atendi... (Inf. A)

NÓS / ELES

- (49) otru sistema... banana assim **(a) nós** num conta pur dúzia comu é contadu aqui **(b) elis** calcula um monti lá “é tantu” intendi? (Inf. K)

SE + VERBO

- (50) eu achu qui u bem istá num pra elis num tão rúim não... leva pra passíÁ... **(a) si lancha** muito bem nu bem istá (Inf. C)

INFINITIVO / VERBO NA 3ª PESSOA DO SINGULAR

- (51) da estação até qui é pertu... mais achu assim tão longi assim du centru da cidadi assim... pur exempru pa **(a) Ø í** pru centru **(b) Ø tem qui pegá** u trem (Inf. D)

VERBO NA 3ª PESSOA DO PLURAL/ INFINITIVO

- (52) Doc. a prefeitura já falô alguma COisa du terrenu ou não?/ Inf. não... não... **(a) Ø andar** midinu aí midinu num sei pra quê num sei pra quê **(b) Ø andar** midinu aí... diz qui pra **(c) Ø fazê** ca::sas **(d) Ø lotiá** num sei... nunca mais vi ninguém aí (Inf. H)

INFINITIVO

- (53) Inf. u guarani é fácil... di (a) Ø **aprendê**/ Doc. língua indígena (Inf. J)

GERÚNDIO / VERBO NA 3ª PESSOA DO SINGULAR

- (54) eu num gostu di tá toda hora na casa di um na casa di otru... eu tenhu essi sistema eu num gostu dissu né? mais... (a) Ø **querendu vim** na minha casa... (b) Ø **podí vim** (Inf. C)

c) **exemplificar situações genéricas:** o falante utiliza a forma indeterminada para exemplificar situações comuns a qualquer pessoa, ou situações nas quais qualquer indivíduo pode potencialmente se encontrar; exs.:

EU

- (55) se (a) **eu** moro lá em são/ em: :: minas lá no paraná... (b) **eu** vô levantá meio dia... (c) **eu** sô doenti (d) **eu** não tenhu saúdi (e) Ø nu sei que... dia vinti i cincú (f) **eu** nu tenhu dinheru... dia déis (g) Ø também não tenhu (h) Ø posso isperá quando dá dá nos fim das colheita... não dá nada que (i) **queu** ganhei? (Inf. T)

A GENTE

- (56) intão qui (a) **a genti** dá só dá valor às coisa depois qui (b) Ø per:di né? (Inf. C)

A GENTE / NÓS

- (57) Inf. intão tudo qui (a) **a genti** qué (b) Ø tem qui corrê atrais / Doc. tem qui buscá / Inf. né? si (c) **nóis** num si uni (d) **nóis** nunca vai tê nada... (Inf. J)

VOCÊ

- (58) Doc. morá assim muito pertinhu num traiz problema... uma casa pertu da otra / Inf. traiz... (porque) di noiti (a) **cê** qué durmí... (b) **cê** qué durmí um pocu mais cedu inquantu u vizinhu aí du ladu tá falanu (c) **cê** num consegui durmí... si tem um rádiu mais altu (d) **cê** num consegui durmí (Inf. D)

VOCÊ / ELA

- (59) eli u povu... u povu lá fora fala assim (pur exemplu)... **(a) você** vai arrumá um serviçu numa numa casa assim di... pa **(b) Ø** trabalhá assim **(c) Ø** fala qui **(d) Ø** é faxinera **(e) ela** ti dispensa... **(f) Ø** fala qui **(g) Ø** mora qui **(h) Ø** mora na favela **(i) ela** ti dispensa na hora (Inf. D)

A SENHORA / A GENTE

- (60) Inf. u garimpu sempri trabaia na bêra du riu / Doc. ah issu qui eu quiria sabê na bera du riu / Inf. mais facilida::di... **(a) a senhora** cava uma cata ali di oitu déiz palmu assim (mais) di profunda::di / Doc. uma u quê? / Inf. u/ CATA/ Doc. qui qui é cata? / Inf. cata é um buracu... qui **(b) a genti** cava pa **(c) Ø** consiguí tirá a aquela cascalhu di dentru... **(d) Ø** leva pra fora **(e) Ø** passa na penera **(f) Ø** passa na terceira sigunda primera perer/ penera /Doc. pur que ()? / Inf. são treis penera... tem a grossa a média i a fininha... pra podê vê u qui qui tem (nu fundu) intão todú dia **(g) a senhora** pega (...) todú dia **(h) a senhora** acha aquelas pedrinha (Inf. J)

A SENHORA⁹

- (61) Inf. lá num tem a/ u impregu... num tem u dinheru... num tem a fartura... i num tem a liberdadi... purQUE **(a) a senhora** sem cumê **(b) Ø** sem sem tê u dinheru **(c) Ø** sem tê nada um impregu comu é qui **(d) a senhora** tem liberdadi?... **(e) Ø** num tem... é um lugar qui **(f) a senhora** vevi solta i **(g) Ø** tá presu... **(h) a senhora** num tem u dinheru... **(i) Ø** num tem seu impregu **(j) Ø** ganhá seu dinheru **(l) pra senhora** vivê / Doc. pra planejá a vida né?/ Inf tá certu? é... purqui **(m) a senhora** é impregadu () i etcetra i tal... né? intão aQUI é um céu (Inf. J)

ELE

- (62) Doc. lá é mais restritu... mais fechadu/ Inf. é... é mais fechadu... qué dizê qui a pessoa fica assim:: incurraladu... **(a) eli** fica num becu sem saída... cum profissão ou sem profissão... **(b) eli** fica u disimpregu fica u disimpregu i aí é ondi **(c) eli** passa necessidadi... aí é ondi vem a fomi vem a miséria infim né? (Inf. K)

⁹Note-se que o predicativo (*preso, empregado*) não concorda com a forma feminina *a senhora*, o que constitui mais uma evidência da generalização desta forma.

VERBO NA 3ª PESSOA DO SINGULAR

- (63) (a) Ø **coloca** duas junta di boi né? i (b) Ø **vai giranu** i a (c) Ø **vai colocanu** a cana assim:... i a vaisainu a garapa né? i daquela garapa vai pu tachu... fugã di lenha né? qui (d) Ø **faiz**... i ali (e) Ø **vai mexenu** caquela garapa até ela dá u pontu da rapadura... dipois (f) Ø **põe** ela num:... num fala cochu né? grandão assim di pau i (g) Ø **vai batenu** batenu igual (h) Ø **tá fazenu** u pontu di um docí (Inf. C)

d) economia linguística: o falante opta pela forma indeterminada, ao invés de indicar com precisão a identidade do referente do sujeito, porque já há alguma pista no texto ou no contexto para o ouvinte inferir a identidade deste referente; exs.:

NÓS

- (64) num tem mais matinê... (a) **nóis** tinha um cine/ cinema *aí na brasilândia* num tem mais (Inf. L)

ELES

- (65) i foi na na *sabesp*... chegô lá pidiu a ligação (a) **elis** falô qui (b) Ø vinham vê si da:va pa fazê a ligação né?... aí (c) Ø veiu num pra/ num prazu di quinzi a vinti dia mais o menu (d) Ø fizeram a ligação... agora cada um cada barracu tem seu... sua água sua luz (Inf. D)

VERBO NA 3ª PESSOA DO PLURAL

- (66) eli diz “não o romeu vai mi vai mi trazê aqui uns cem ou duzentos eleitore”... né? i eu prumetu... mai tamém *u meu candidatu ali* tem qui prumetê um... como (a) Ø já **prumeteru** um um hospitar (Inf. M)

e) esconder a identidade do referente do sujeito: o falante utiliza a forma indeterminada deliberadamente com o propósito de não revelar, esconder mesmo a identidade do referente; exs.:

INFINITIVO / ELES

- (67) Inf nessa mata aí aconteci cada coisa / Doc. cê tem algum casu assim... pra mi contá?/ Inf. ah::... ah a genti vê qui EU vi não mais a genti vê (a) Ø **contá** né? assim... (b) **elis** acharu uma muíe aí né?... ca:... corpu só dipois qui (c) Ø acharu a cabe::ça... () HOmi eu sei qui (d) **elis** sempri mata (e) Ø jogai... passa dois treis dia (f) **elis** acha (Inf. C)

ELES

- (68) issu mi dexa muito preocupada sabi? ((interferência do marido)) (a) **elis** fala qui foi um... cidenti lá ninguém tem:... certeza né? porque ela num falô pra genti qui caiu né? dipois di qui ela morreu... é qui: cumeçô aparecê u comentáriu né? qui ela tinha caídu mais eu memu issu aí eu num vô dá certeza porque eu num vi né? (Inf. C)

VERBO NA 3ª PESSOA DO PLURAL / VERBO NA 3ª PESSOA DO SINGULAR

- (69) qué dizê... é da prefeitura mais num foi a prefeitura qui troxi né?... porque (a) **Ø Dizem**... eu num sei quando eu vim pra cá já tinha... (b) **Ø diz** qui a prefeitura troxi memu (c) **Ø diz** qui foi cinquenta barracu... (Inf. D)

ELA / ELAS

- (70) Inf. ah eu lavava ro:pa... passa:va... arrumava ca:sa... cuidava di criança / Doc. cum poca idadi assim / Inf. é... só pa... (a) **ela** mi dá só a ropa i a cumida ((ri)) / Doc. num ti/ num num tinha ordenadu? / Inf. não né? purqui aí (b) **elas** lá... antigamenti num dava assim... pagá pur meis nem nada... só era a cumida a ropa... prantu (Inf. G)

VERBO NA 3ª PESSOA DO PLURAL

- (71) Inf. us bandidinho qui tinha aqui cabô / Doc. cabô pur quê? / Inf. (c) **Ø andaru matandu** aí (Inf. H)

Tabela 6: Função da indeterminação

FUNÇÃO DA INDETERMINAÇÃO	Número de ocorrências	Porcentagem
Amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular	396	24%
Focalizar a ação verbal	401	24%
Exemplificação	559	33%
Economia linguística	217	13%
Esconder a identidade do referente	104	6%
TOTAL	1677	100%

A função mais recorrente no corpus é a exemplificação, com 33% das ocorrências. Em segundo lugar, empatadas, estão as funções focalizar a ação

verbal e amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular (24%). Com menor frequência aparecem as funções economia linguística (13%) e esconder a identidade do referente (6%).

As duas tabelas a seguir exibem os resultados da forma e função da indeterminação. A tabela 7 parte da forma para a função e deve ser lida horizontalmente. A tabela 8 parte da função para a forma e deve ser lida verticalmente. Assim, por exemplo, na tabela 7, foram encontradas 328 ocorrências de *a gente* com a função de amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular, para um total de 613 ocorrências da forma *a gente* no corpus, portanto 53,5% das ocorrências deste pronome ocorrem com esta função. Já na tabela 8, temos que *a gente* é a forma mais utilizada nesta função. Para um total de 396 ocorrências encontradas com a função de amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular, 328 são com a forma *a gente*, isto é, 83% das ocorrências com esta função se expressam através desta forma.

No caso de *a gente*, os resultados das duas tabelas coincidem, isto é, a forma *a gente* é mais utilizada na função de amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular, e esta função se expressa primordialmente através desta forma, mas não é sempre que isto ocorre. Vejamos o caso de *eu*. A tabela 7 mostra que esta forma exerce categoricamente a função de exemplificação (30/30=100%), mas examinando a tabela 8 vemos que esta não é a forma mais frequente para expressar esta função: só 5% das ocorrências de exemplificação apresentam o pronome *eu*.

As tabelas 7 e 8 evidenciam que, salvo algumas exceções, a mesma forma pode ser usada com diferentes funções conforme o contexto, assim como uma função pode ser expressa por muitas formas distintas. Os exemplos mencionados também mostram que diferentes formas se alternam num mesmo contexto com a mesma função.

Examinado a tabela 7, que parte da forma para a função, vemos que a exceção está nas formas *eu*, *a senhora*, *se+verbo* e gerúndio. *Eu* (exemplo 55) e *a senhora* (exs.: 60a,g,h; 61) só ocorrem com a função de exemplificação. A forma *se + verbo* (ex.: 50) e a forma verbal no gerúndio (ex.: 54a), por seu turno, ocorrem somente com a função de focalizar a ação verbal.

A gente e *nós* são mais frequentemente utilizados com a função de amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular: 53,5% das ocorrências com *a gente* e 52% das ocorrências com *nós* apresentam esta função (exemplos 43, 44a). Estes pronomes são também utilizados com uma frequência relativamente significativa na função de exemplificar situações genéricas (*a gente*: 34%, *nós*: 27%) (exemplos 56, 57, 60b-f). Com menor frequência, *a gente* e *nós* podem ainda figurar em contextos de focalização da ação verbal e de economia linguística.

Tabela 7: Forma e função da indeterminação

FORMA	FUNÇÃO DA INDETERMINAÇÃO				
	Amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular	Focalizar a ação verbal	Exemplificação	Economia linguística	Esconder a identidade do referente
Eu	-	-	30/30=100%	-	-
A gente	328/613=53,5%	67/613=11%	211/613=34%	7/613=1%	-
Nós	47/90=52%	11/90=12%	24/90=27%	8/90=9%	-
Você	-	9/89=10%	80/89=90%	-	-
A senhora	-	-	94/94=100%	-	-
Ele	-	3/26=11,5%	20/26=77%	-	3/26=11,5%
Ela	-	-	2/3=67%	-	1/3=33%
Eles	-	91/311=29%	2/311=0,6%	173/311=56%	45/311=14%
Elas	-	1/8=12,5%	-	3/8=37,5%	4/8=50%
Se + verbo	-	16/16=100%	-	-	-
Verbo na 3ª pessoa do sing.	16/251=6%	116/251=46%	86/251=34%	8/251=3%	25/251=10%
Verbo na 3ª pessoa do pl.	-	27/70=39%	1/70=1%	18/70=26%	24/70=34%
Infinitivo	5/74=7%	58/74=78%	9/74=12%	-	2/74=3%
Gerúndio	-	2/2=100%	-	-	-

Tabela 8: Função e forma da indeterminação

FORMA	FUNÇÃO DA INDETERMINAÇÃO				
	Amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular	Focalizar a ação verbal	Exemplificação	Economia linguística	Esconder a identidade do referente
Eu	-	-	30/559=5%	-	-
A gente	328/396=83%	67/401=16,7%	211/559=38%	7/217=3%	-
Nós	47/396=12%	11/401=3%	24/559=4%	8/217=4%	-
Você	-	9/401=2%	80/559=14%	-	-
A senhora	-	-	94/559=17%	-	-
Ele	-	3/401=0,7%	20/559=4%	-	3/104=3%
Ela	-	-	2/559=0,3%	-	1/104=1%
Eles	-	91/401=23%	2/559=0,3%	173/217=80%	45/104=43%
Elas	-	1/401=0,2%	-	3/217=1%	4/104=4%
Se + verbo	-	16/401=4%	-	-	-
Verbo na 3ª pessoa do sing.	16/396=4%	116/401=29%	86/559=15%	8/217=4%	25/104=24%
Verbo na 3ª pessoa do pl.	-	27/401=7%	1/559=0,1%	18/217=8%	24/104=23%
Infinitivo	5/396=1%	58/401=14%	9/559=2%	-	2/104=2%
Gerúndio	-	2/401=0,4%	-	-	-

O pronome pessoal *você* exerce a função de exemplificação na maior parte das ocorrências (90%) (exemplos 58, 59a-d, f-h). Nas demais instâncias, *você* tem a função de focalizar a ação verbal (10%) (exs. 47c, 48b).

Os pronomes de 3ª pessoa do singular *ele* e *ela* igualmente tendem a ocorrer com a função de exemplificação (*ele*: 77%, *ela*: 67%) (exemplos.: 62, 59e,i). Com frequência menor, são usados ainda em contextos em que se focaliza a ação verbal ou se esconde a identidade do referente.

Eles é mais recorrentemente utilizado em contextos de economia linguística (exemplo 65): 56% das ocorrências deste pronome aparecem com esta função – lembremos que, como visto na seção anterior, o pronome *eles* tende a estar acompanhado de pista referencial no texto. Com uma frequência relativamente significativa (29%), aparece também com a função de focalizar a ação verbal (exemplo 49b).

A forma de 3ª pessoa do plural no feminino *elas* é usada mais frequentemente para esconder a identidade do referente (50%, exemplo 70b), podendo ser ainda utilizada com frequência relativamente alta (37,5%) em contextos de economia linguística, e com menor frequência para focalizar a ação verbal (12,5%).

As formas verbais de 3ª pessoa do singular e de 3ª pessoa do plural tendem a ser mais recorrentemente utilizadas para focalizar a ação verbal (frequências de respectivamente 46% e 39%, exemplos: 48a,c-d, 51b, 52a-b, 54b). A forma verbal no infinitivo igualmente ocorre mais nesta função (78%, exemplos 51a, 52c-d, 53). Contudo, tais formas também podem ocorrer com as demais funções. Assim, em segundo lugar em frequência, o verbo na 3ª pessoa do singular é utilizado para exemplificação (34%, exemplo 63), enquanto a forma verbal na 3ª pessoa do plural é usada para esconder a identidade do referente (34%, exemplos 69a, 71).

Passemos à tabela 8, que parte da função para a forma. A tabela mostra que a função de amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular se expressa principalmente através do pronome *a gente* (83% das ocorrências com esta função se expressam através desta forma), mas ocorrências de *nós*, de verbo na 3ª pessoa do singular (exemplo 45) ou no infinitivo (exemplos 44b-c) também podem ser encontradas, ainda que com menor frequência.

Focalizar a ação verbal e exemplificação são as funções que apresentam maior variedade nas formas empregadas.

As formas mais frequentemente utilizadas para focalizar a ação verbal são: verbo na 3ª pessoa do singular (29%) e o pronome *eles* (23%). Em terceiro lugar está *a gente* (exemplos 46, 47a-b,d-e) com 16,7% e, em quarto lugar,

a forma verbal no infinitivo com 14%. Com exceção de *eu*, *a senhora*, e *ela*, todas as demais formas podem ser encontradas exercendo esta função.

A função de exemplificação ocorre mais frequentemente com o pronome pessoal *a gente* (38%). Com menor frequência esta função se expressa através da forma *a senhora* (17%), verbo na 3ª pessoa do singular (15%) e *você* (14%). No corpus a função de exemplificação também pode ser encontrada com quase todas as formas, com exceção do pronome *elas*, *se*+verbo e gerúndio.

Economia linguística aparece principalmente com a forma *eles*: 80% das ocorrências desta função se expressam através desta forma. O pronome *eles*, como já visto no item anterior, geralmente se correlaciona com um grupo social mencionado no discurso anterior, que ajuda a inferir seu possível referente.

A função de esconder a identidade do referente somente é compatível com o uso de pronomes de 3ª pessoa (*ele*, *ela*, *eles*, *elas*), ou formas verbais de 3ª pessoa do singular e do plural, e ainda a forma verbal no infinitivo impessoal. Esta função é mais recorrente com o pronome *eles* (43%, exemplos 67b-f, 68), verbo na 3ª pessoa do singular (24%, exemplos 69b-c) e verbo na 3ª pessoa do plural (23%, exs.: 69a, 71).

Cabe, por fim, uma observação que diz respeito à sobreposição de funções. Há ocorrências que poderiam ser classificadas como exercendo duas funções ao mesmo tempo. A sobreposição das funções exemplificar situações genéricas e focalizar a ação verbal é muito comum. Examinemos os exemplos a seguir.

- (72) ah:: é pur causa di bandidu memu qui **(a) a genti** tem qui fazê issu aí porque si **(b) a genti** for amedrontá... né?... **(c) você** num poti amedrontá cum essis... cum essa raça... cum essi tipu di genti né?... porque::... intão elis aproveita né?... intão **(d) a genti** tem qui dá uma di machão tamém..né?... si elis é machão **(e) a genti** tem qui dá uma di machão tamém (Inf. s)
- (73) **(a) Ø tem qui chamá** di piá ((ri)) lá si **(b) cê** falá **(c) Ø** chegá lá nu paraná... () nu interior assim fora da cidadi falandu u mulequi lá di garotu o di mulequi qualqué coisa (num atendi) tem qui sê di piá... si **(d) Ø falá** “ô piá vem aqui” eli vem... eli atendi i tudu... mais si **(e) Ø chamá** di mulequi eli num atendi... (Inf. A)
- (74) **(a)**... **a genti** tirava du du cachu **(b) Ø** botava a lata di água pra fervê... quando a água tava subindo as bolinha **(c) a genti** botava numa lata **(d) Ø** dispejava água fervendo pur cima i **(e) Ø** abafava...aí depois **(f) Ø** esprimia saía tudu leiti né? aquele leiti grossu forti mesmo né? ali **(g) a genti** guardava dois treis dias pra tomá: :: (Inf. x)

- (75) lavá ropa é assim na tábua assim ó (passado ô) i (a) Ø **faiz** assim né? (b) Ø **põe** o pano assim é (c) Ø **pega** o pano (d) Ø **faiz** assim ((som de bater roupa)) aí espuma tudu... já tá bom aí (e) Ø **põe** lá... é assim qui (f) Ø **faiz** né? é tudu differenti... (Inf. x)

Todas estas instâncias podem ter a função tanto de exemplificar situações genéricas, quanto de focalizar a ação verbal. Em casos como estes, levamos em conta a função que se sobressai. Assim, classificamos (72-73) como focalizar a ação verbal, e (74-75) como exemplificação – em (73) apenas a ocorrência (c) foi classificada como exemplificação; em (75) apenas a ocorrência (f) foi classificada como focalizar a ação verbal.

Em um outro exemplo, (76) a seguir, pode ser constatada a sobreposição das funções amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular e exemplificação. Nesta instância, é possível que o informante generalize a forma indeterminada para não se comprometer, isto é, ele ilustra uma situação genérica, que pode ocorrer com qualquer pessoa, para amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular, mas consideramos que neste caso a função de exemplificação/generalização é que sobressai.

- (76) é... qué dizê u pió pra você é u seguinti é (a) **você** tá em cima e depois (b) Ø descê aí é duro né? porque (c) **você** começô bem (d) **cê** nasceu naquilu comendo bem tomando leiti aquela né? fazenda i tudo... aí depois (e) **você** éh vai pra otru lugá (f) **você** passa di otra... otra idade (g) **você** começa tua vida aí (h) **você** muda tudo já é differenti né? (Inf. x)

4.5 *Abrangência de pessoa*

Um último fator analisado neste trabalho foi a abrangência de pessoa, que tem a ver com o grau de generalização da forma de indeterminação do sujeito. Ao examinarmos a função da forma indeterminada, percebemos que formas com função idêntica podiam abranger desde uma única pessoa até as três pessoas gramaticais (cf. Milanez, 1982; Ilari; Franchi; Neves, 1996).

Tomemos os exemplos a seguir, em que as formas indeterminadas, respectivamente *ele*, *a gente* e verbo na 3ª pessoa do singular, exercem a função de exemplificação:

- (77) Doc. lá é mais restritu... mais fechadu/ Inf. é... é mais fechadu... qué dizê qui a pessoa fica assim:: incurraladu... (a) **eli** fica num becu sem saída... cum profissão ou sem profissão... (b) **eli** fica u disimpregu fica u disimpregu i aí é ondi (c) **eli** passa necessidadi... aí é ondi vem a fomi vem a miséria infim né? (Inf. K)

- (78) Doc. qui qui é fazê linha? como cê fazia linha?/ Inf. linha di algudão cum... “cumé qui chama?”... u negóciu di fazê chama fusu... era uma boli:nha di:... a frutinha chama baba di boi né?... **(a) a genti** furava ela **(b) Ø** infiava num pauzim... ((dirigindo-se ao filho)) “dá licença”... **(c) Ø** infiava num pauzim... pauzim dela da pontinha bem fina né? aí **(d) Ø** ia... rodandu ela i **(e) Ø** ia... inrolandu... u algodão ficava dessi ladu **(f) a genti** ia rodando aquilu ali assim num sei comu agora... i:... **(g) Ø** ia fazendu a linha (Inf. B)
- (79) intão qui **(a) a genti** dá só dá valor às coisa depois qui **(b) Ø** per:di né?... (Inf. C)
- (80) **(a) Ø coloca** duas junta di boi né? i **(b) Ø vai giranu** i a **(c) Ø vai colocanu** a cana assim:... i a vai sainu a garapa né? i daquela garapa vai pu tachu... fugão di lenha né? qui **(d) Ø faiz**... i ali **(e) Ø vai mexenu** caquela garapa até ela dá u pontu da rapadura... dipois **(f) Ø põe** ela num:... num fala cochu né? grandão assim di pau i **(g) Ø vai batenu** batenu igual **(h) Ø tá fazenu** u pontu di um docí (Inf. C)

Em todos estes exemplos, as formas indeterminadas têm a função de exemplificar uma situação genérica. A diferença entre eles reside no número de pessoas implicadas na forma indeterminada.

Em (77) o pronome *ele*, dada a sua natureza semântica, somente pode abranger uma única pessoa: a 3^a pessoa. Já em (78), *a gente* abrange duas pessoas: a 1^a e uma 3^a pessoa não especificada. Em (79), *a gente* abrange todas as pessoas gramaticais: 1^a, 2^a e 3^a pessoas. O mesmo ocorre com o verbo na 3^a pessoa do singular do exemplo (80).

Os exemplos (78) e (80) se assemelham na medida em que ilustram, respectivamente, como fazer linha e como fazer rapadura, mas em (78) a forma *a gente* junto ao verbo no Pretérito remete a uma cena que ocorreu no passado, ao passo em (80) a forma verbal no Presente com casa vazia do sujeito torna esta situação atemporal, como uma receita.

Se compararmos os exemplos (78) e (79), por sua vez, vemos que em ambos temos a mesma forma utilizada: *a gente*. O que torna estes exemplos diferentes é justamente o tempo verbal. Em (78), como dito, o verbo no Pretérito Imperfeito indica uma cena no passado, da qual participam o falante e outra(s) pessoa(s) não especificada(s). Em (79) o verbo no Presente torna a forma *a gente* mais abrangente, incluindo todas as pessoas, inclusive a 2^a pessoa.

Mas não é sempre que o tempo verbal funciona como critério de abrangência de pessoa. Vejamos o exemplo (81) a seguir. Nesta instância, embora o verbo esteja no Pretérito Imperfeito, classificamos a generalização como máxima, isto é, a forma verbal de 3ª pessoa do singular com casa vazia do sujeito em (a-b) e o pronome *você* em (c) podem abranger qualquer uma das três pessoas. Nossa interpretação é que se trata de uma situação hipotética, em que qualquer um poderia se encontrar, e que poderia ser expressa também na forma condicional (*há dez anos atrás (...) se chegasse naquela esquina, você arrumaria emprego*).

- (81) porque há: uns déiz anus atrais uns quinze anu/ uns quinzi anus atrais... é já faiz vinti i pocus anus qui eu tô aqui... já tenhu vinti anu di profissão... tenhu mais di vinti anu di profissão... ((voz de criança ao fundo)) AÍ por ixemplu (a) Ø **saía** daqui hoji... (b) Ø **chegava** naquela isquina... (c) **cê** arrumava impregu (Inf. K)

O fator abrangência de pessoa se divide nas seguintes categorias:

1) **-1P -2P +3P**: abrange apenas a 3ª pessoa.

- (82) a genti vê qui EU vi não mais a genti vê (a) Ø **contá** né? assim... (b) **elis** acharu uma muié aí né?... ca:... corpu só dipois qui (c) Ø acharu a cabe::ça... () HOmi eu sei qui (d) **elis** sempri mata (e) Ø jogaí... passa dois treis dia (f) **elis** acha (Inf. C)
- (83) Doc. a prefeitura já falô alguma COisa du terrenu ou não?/ Inf. não... não... (a) Ø **andar** midinu aí midinu num sei pra quê num sei pra quê (b) Ø **andar** midinu aí... (c) Ø **diz** qui pra (d) Ø **fazê** ca::sas (e) Ø **lotiá** num sei... nunca mais vi ninguém aí (Inf. H)
- (84) Doc. você vai nu bem estar né? quandu tem quermessi? / Inf. é... quandu tem quermessi bazar assim eu vô... mais aqui memu (a) Ø num **faiz** não (Inf. D)
- (85) eu achu qui u bem istá num pra elis num tão rúim não... leva pra passíÁ... (a) **si** **lancha** muito bem nu bem istá (Inf. C)

2) **+1P -2P +3P**: abrange 1ª e 3ª pessoas, mas não a 2ª pessoa.

- (86) eu achu qui eu pra sê igual à sinhora num quera sabê ondi eu moru... (a) **eu** possu morá dibaxu di um viadutu (b) **eu** sô igual à sinhora... (c) **eu** vô tratá a sinhora cum respeito cum amô i sê honestu... intão a minha honestidadi é qui vai SÊ... ondi (d) **eu** moru a sinhora num interessa (Inf. J)

- (87) ah purque sempri **(a) a genti** sai... u serviçu qui **(b) a genti** qué **(c) a genti** vai **(d) Ø** prucura mais sempri tem um incarregadu uma pessoa qui acha rúim u serviçu da genti... intão **(e) Ø** num fica... **(f) a genti** é mandadu imbora (Inf. A)
- (88) qué dizê... qué dizê qui a nossa criação era assim né? **(a) nós** era... dava... seti hora **(b) Ø** já tava jantanu seti i meia **(c) Ø** já tamu durminu... (Inf. E)
- (89) pa pedreru não... u cara qui faiz um... qualqué serviçu im obra... ganhá seis mil cruzeru pur pur hora... i:... déiz déiz dozi hora qui conformi a:... conformi si u cara... trabaiá... i vê qui dá pa (tratá duma famia) também num guenta trabaiá purqui u serviçu é pesadu né?... **(a) cê**¹⁰ fazê dozi horas todú dia... num tem quem guenta... a num sê qui seja um cara qui fica só sentadu aí nu iscritóriu aí... num pega pesu nem di cincú quilú... essi cara podi trabaiá até dozi hora quínti hora pur dia mais... **(b) a genti** qui pega nu pesadu não... u máximu é::... oitu déiz hora (Inf. H)
- (90) Doc. comu é qui é a vida aqui na favela?/ Inf. ah... aqui é muito rúim... agora tá melhorandu né? mais antis **(a) Ø** num **podia saí** pra fora di casa... aqui era um piri:gu danadu **(b) Ø saí** **(c) Ø dexá** a casa sozinha tamém **(d) Ø** num **podia**... intão num gustu é muito rúim... (Inf. A)
- 3) -1P +2P +3P:** abrange 2^a e 3^a pessoas, mas não a 1^a pessoa.
- (91) as vez **(a) você** mi via hoji... quando dava amanhã **(b) você** fala “mas nu parecí qui nem qui era aquela qui eu vi onti não”... (Inf. t)

¹⁰Consideramos que a forma *você* no exemplo (89a) não inclui a 2^a pessoa, porque trata-se de uma situação hipotética na qual apenas um homem, pedreiro, poderia se encontrar. Portanto, neste exemplo, a forma não pode incluir a 2^a pessoa, representada pela documentadora no contexto em que se dá a entrevista. A esse respeito conferir Ilari; Franchi; Neves (1996:108): “Interessante é a possibilidade de pronomes em princípio determinados pelo próprio processo da enunciação, como *eu* e *você*, chegarem a não-inclusão necessária das pessoas que eles em princípio referem (primeira e segunda do singular, respectivamente) alcançando assim um alto grau de indeterminação da referência”.

- (92) eu achu qui eu pra sê igual à sinhora (a) Ø num quera sabê ondi eu moru (Inf. J)
- (93) intão (a) **a sinhora** vai disconfiá di mim... mais si eu sô um cara honestu direitu eu entru (b) **a sinhora** podi tê ((barulho com os dedos)) u qui fô pra mim (c) **a sinhora** num tem nada (Inf. J)
- (94) (a) Ø **falava** im médicu eu não sabia u que qui era (Inf. y)
- (95) eu num gostu di tá toda hora na casa di um na casa di otu... eu tenho essi sistema eu num gostu dissu né? mais... (a) Ø **querendu vim** na minha casa... (b) Ø **podu vim** (Inf. C)
- 4) +1P +2P +3P: abrange todas as pessoas gramaticais.
- (96) se (a) **eu** moro lá em são/ em: :: minas lá no paraná... (b) **eu** vô levantá meio dia... (c) **eu** sô doenti (d) **eu** não tenho saúdi (e) Ø nu sei que... dia vinti i cincü (f) **eu** nu tenho dinheru... dia déis (g) Ø também não tenho (h) Ø posso isperá quando dá dá nos fim das colheita... não dá nada que (i) **queu** ganhei? (Inf. t)
- (97) (a) **a genti** tem qui... falá u qui (b) Ø senti né?... (Inf. B)
- (98) Inf. intão tudo qui (a) **a genti** qué (b) Ø tem qui corrê atrais / Doc. tem qui buscá / Inf. né? si (c) **nóis** num si uni (d) **nóis** nunca vai tê nada... (Inf. J)
- (99) i si (a) Ø **falá** im enipeessi... (b) **a sinhora** vai pegá uma fila di ienipeessi (c) **cê** tem qui levá até marmita pra (d) Ø arnuçá lá... i dipois pa (e) Ø **chegá** lá u médicu só vai oiá você... num coloca nem um apareiu nem nada... eli só dá dá uma oiada assim “vai... toma issu aqui”... issu aí até eu façu... óiu uma pessoa... “tá sintindu (aondi)? uma dor aqui? otra aqui? intão toma um chá... um comprimiduzinhu i prontu”... agora u cara é médicu (f) **a genti**... fica lá u dia todü na fila só pra (g) Ø **iscutá** eli falá aquilu?... nem um apareiu eli num pôe... num pôe não... tô cansadu di í im médicu du ienipeessi... num coloca um apareiu aqui... qui (h) **a genti** coloca nas costa né? (Inf. H)

- (100) (a) Ø tem qui **chamá** di piá ((ri)) lá si (b) **cê** falá (c) Ø chegá lá nu paraná... () nu interior assim fora da cidadi falandu u mulequi lá di garotu o di mulequi qualqué coisa (num atendi) tem qui sê di piá... si (d) Ø **falá** “ô piá vem aqui” eli vem... eli atendi i tudu... mais si (e) Ø **chamá** di mulequi eli num atendi... (Inf. A)
- (101) Inf. u guarani é fácil... di (a) Ø **aprendê** / Doc. língua indígina (Inf. J)
- (102) u fazenderu num facilita... si vem pra u pru:: pra comu é qui (a) **si diz**... pra capital... é muito piquenu a::: co/ num há comunidadi pra pra acumulá todú mundu (Inf. K)

Tabela 9: Abrangência de pessoa

ABRANGÊNCIA DE PESSOA	Número de ocorrências	Porcentagem
-1P -2P +3P	510	30%
+1P -2P +3P	665	40%
-1P +2P +3P	14	1%
+1P +2P +3P	488	29%
TOTAL	1677	100%

A tabela 9 mostra que a maior parte das formas de indeterminação encontradas abrange a 1^a e 3^a pessoas (40%). Em segundo lugar, estão as formas que abrangem uma única pessoa, a 3^a, com 30% das ocorrências. É praticamente o mesmo o índice de uso de formas mais genéricas, que abrangem as três pessoas (29%). São poucas as ocorrências de formas que implicam a 2^a e 3^a pessoas (1%).

Tabela 10: Abrangência de pessoa e forma da indeterminação

FORMA DA INDETERMINAÇÃO	ABRANGÊNCIA DE PESSOA			
	-1P -2P+3P	+1P -2P +3P	-1P +2P+3P	+1P +2P+3P
Eu	-	12/30=40%	-	18/30=60%
A gente	-	476/613=78%	-	137/613=22%
Nós	-	70/90=78%	-	20/90=22%
Você	-	1/89=1%	2/89=2%	86/89=97%
A senhora	-	-	9/94=10%	85/94=90%
Ele	26/26=100%	-	-	-
Ela	3/3=100%	-	-	-
Eles	311/311=100%	-	-	-
Elas	8/8=100%	-	-	-
Se + verbo	1/16=6%	-	-	15/16=94%
Verbo na 3 ^a pessoa do sing.	81/251=32%	73/251=29%	2/251=0,7%	95/251=38%
Verbo na 3 ^a pessoa do pl.	70/70=100%	-	-	-
Infinitivo	10/74=14%	32/74=43%	-	32/74=43%
Gerúndio	-	1/2=50%	1/2=50%	-

A tabela 10 exibe a forma da indeterminação e a abrangência de pessoa. A tabela mostra que os pronomes *eu*, *a gente* e *nós* podem ser utilizados referindo tanto a 1^a e 3^a pessoas, como de forma mais abrangente referindo às três pessoas gramaticais.

Eu é mais frequentemente utilizado (60%, exemplo 96) para referir às três pessoas gramaticais do que apenas a 1^a e 3^a pessoas. *A gente* e *nós*, por seu turno, apresentam comportamento idêntico entre si e oposto a *eu*, sendo mais usados para referir a 1^a e 3^a pessoas (78%, exemplos 87, 88, 89b) do que às três pessoas.

A forma *você* pode implicar 1^a e 3^a pessoas (exemplo 89a), 2^a e 3^a pessoas (exemplo 91), ou todas as pessoas (exemplos 99c-e, 100b-c), mas é neste último contexto que se concentra a maior parte das ocorrências encontradas deste pronome (97%).

A forma *a senhora*, assim como *você*, ocorre massivamente para referir a todas as pessoas (90%, exemplo 99b), sendo utilizada com menor frequência (10%) para referir a 2^a e 3^a pessoas (exemplos 92-93).

Como mencionado anteriormente, os pronomes *ele*, *ela*, *eles*, e *elas*, e a forma verbal na 3^a pessoa do plural com casa vazia do sujeito, dada a sua natureza semântica, só ocorrem referindo a uma 3^a pessoa.

A forma *se* + verbo é quase categoricamente usada de maneira abrangente para referir a todas as pessoas (94%, exemplo 102); há apenas 1 ocorrência desta forma implicando somente a 3^a pessoa (exemplo 85).

A forma verbal de 3^a pessoa do singular é a mais polivalente, já que pode ser usada em todos os contextos. Ela pode, portanto, referir a 3^a pessoa (exemplos 83c, 84), a 1^a e 3^a pessoas (exemplos 90a,d), a 2^a e 3^a pessoas (exemplos 94, 95b), ou a todas as pessoas (exemplos 99a,100a,d-e). A frequência de uso está distribuída nestes contextos, com exceção apenas do contexto [-1P+2P+3P], no qual foram encontradas poucas ocorrências.

A forma verbal no infinitivo é utilizada com igual frequência (43%) para referir a 1^a e 3^a pessoas (exemplos 90b-c), ou a todas as pessoas (101). Com menor frequência (14%), é ainda utilizada para referir somente a 3^a pessoa (exemplos 82a, 83d-e).

A forma verbal no gerúndio ocorre no corpus referindo a 1^a e 3^a, e a 2^a e 3^a pessoas (exemplo 95a), mas são poucas as ocorrências.

A tabela 11 a seguir cruza os resultados da função da indeterminação e abrangência de pessoa, exibindo o número de ocorrências encontradas. A tabela mostra que as funções de focalizar a ação verbal e de exemplificação podem ocorrer em todos os contextos de abrangência de pessoa. Já a função de economia linguística está restrita aos dois primeiros contextos: [-1P -2P

Tabela 11: Abrangência de pessoa e função da indeterminação

FUNÇÃO DA INDETERMINAÇÃO	ABRANGÊNCIA DE PESSOA								
	-1P	-2P+3P	+1P	-2P	+3P	-1P	+2P+3P	+1P	+2P+3P
Amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular	-		396			-			-
Focalizar a ação verbal	175		113			2			111
Exemplificação	33		137			12			377
Economia linguística	198		19			-			-
Esconder a identidade do referente	104		-			-			-

+3P] e [+1P -2P +3P]. Amenizar o efeito do uso da 1ª pessoa do singular só é compatível com o uso de formas que se referem a 1ª pessoa e a uma 3ª pessoa não-especificada. A função de esconder a identidade do referente somente pode ser expressa por formas que se referem apenas a 3ª pessoa.

É interessante notar ainda que, num mesmo contexto, pode ser constatada uma grande variedade e alternância de formas que abrangem todas as pessoas e são utilizadas com as funções de focalizar a ação verbal ou de exemplificação. Assim, no exemplo a seguir, o falante usa a forma verbal na 3ª pessoa do singular com casa vazia do sujeito para focalizar uma ação verbal (se falar em INPS), para logo depois introduzir as formas *a senhora*, *ocê* e *a gente*, para o mesmo referente, ilustrando uma situação genérica. Aqui, portanto, *a senhora* (b) covaria com *ocê* (c-d-e) e com *a gente* (f-g-h).

- (103) i si **(a)** Ø **falá** im enipeessi... **(b)** **a senhora** vai pegá uma fila di enipeessi **(c)** **cê** tem qui levá até marmita pra **(d)** Ø armuçá lá... i dipois pa **(e)** Ø chegá lá u médicu só vai oiá você... num coloca nem um apareiu nem nada... eli só dá dá uma oiada assim “vai... toma issu aqui”... issu aí até eu façū... óiu uma pessoa... “tá sintindu (aondi)? uma dor aqui? otra aqui? intão toma um chá... um comprimiduzinhu i prontu”... agora u cara é médicu **(f)** **a genti**... fica lá u dia todū na fila só pra **(g)** Ø iscutá eli falá aquilu?... nem um apareiu eli num pōe... num pōe não... tô cansadu di í im médicu du enipeessi... num coloca um apareiu aqui... qui **(h)** **a genti** coloca nas costa né? (Inf. H)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossos dados comprovam principalmente a multifuncionalidade das formas de indeterminação do sujeito no Português Popular, isto é, tais formas podem exercer diferentes funções conforme o contexto em que figuram. Concebendo a indeterminação como um continuum que vai desde o mais indeterminado até o menos indeterminado, constatamos também que grande parte dessas formas tende a estar acompanhada de pistas referenciais no texto ou no contexto, as quais ajudam no processo de inferência do referente do sujeito. Examinando a abrangência de pessoa, os dados demonstram ainda que formas de uma determinada pessoa podem ser usadas com uma referência mais genérica, que pode chegar a incluir as três pessoas gramaticais.

6 BIBLIOGRAFIA

CASTILHO, Ataliba T. 2010. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.

DIK, Simon C. 1989. *The Theory of Functional Grammar. Part 1: The Structure of the Clause*. Dordrecht Holland/ Province RI:USA: Foris Publications.

DIK, Simon C. 1997. *The Theory of Functional Grammar. Part 2: Complex and Derived Constructions*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.

DU BOIS, John W. 1980. Beyond Definiteness: The Trace of Identity in Discourse. In: CHAFE, Wallace W. *The Pear Stories. Cognitive, Cultural and Linguistic Aspects of Narrative Production*. Norwood, New Jersey: Ablex, p. 203-274.

HALLIDAY, Michael A. K. 1994. *An Introduction to functional grammar*. Great Britain: Edward Arnold.

ILARI, Rodolfo; FRANCHI, Carlos; NEVES, Maria Helena de M. 1996. Os pronomes pessoais do português falado: Roteiro para a análise. In: Castilho, Ataliba T. de; Basílio, M. (Orgs.). *Gramática do Português Falado. Volume IV: Estudos Descritivos*. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, p. 79-166.

LYONS, J. 1987. *Linguagem e Linguística: Uma Introdução*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan.

MICHELETTI, Helena. 2000. *A indeterminação do sujeito: um estudo do pronome de terceira pessoa do plural*. São Paulo, FFLCH-USP, Dissertação de Mestrado.

MILANEZ, Wânia. 1982. *Recursos de indeterminação do sujeito*. Campinas, SP, Unicamp, Dissertação de Mestrado.

NEVES, Maria Helena de Moura. 2000. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: Editora UNESP.

NEVES, Maria Helena de Moura. 2007. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto.

Recebido em: 10/01/2013

Aceito em: 08/02/2013
